

## Aspectos textuais e narrativos em Nm 13: Intercessões e Singularidades

*Textual and narrative aspects in Num 13:  
Intercessions and Singularities*

*Leonardo Agostini Fernandes*

### Resumo

No livro de Números foram combinadas tradições diferentes, mas o seu tema central está fundamentado em Nm 13,1–14,45: a) A morte dos filhos de Israel, que fizeram a experiência do êxodo do Egito e da aliança do Sinai; b) A posse de Canaã pela nova geração, isto é, dos que estavam abaixo de vinte anos ou que nasceram no deserto. Moisés, antes de morrer e de ser sucedido por Josué (Dt 34), renovou a aliança com o “novo Israel” (Dt 28,69–30,20), a fim de que essa geração, forjada no deserto, tivesse o conhecimento necessário e capaz de determinar o seu comportamento condizente com a vontade de YHWH em Canaã. Com base nessa percepção, o presente artigo, articulado em seis tópicos, ocupa-se de Nm 13 e, fazendo uso de abordagens diacrônicas e sincrônicas, pretende elucidar singularidades e intercessões desse capítulo com outras partes do livro de Números, bem como, sob certos aspectos, com os demais livros da Tôrã. Espera-se, além disso, oferecer uma contribuição para o avanço das pesquisas exegético-teológicas sobre o tema do dom/conquista da terra de Canaã, favorecendo, um pouco mais, o interesse pela leitura e estudo do livro de Números.

**Palavras-chave:** Livro de Números. Moisés. Análise Narrativa. Tempo do Deserto. Terra de Canaã.

### Abstract

In the book of Numbers were combined different traditions but its central theme is based on Nm 13,1–14,45: a) The death of the children of Israel, who experienced the

exodus of Egypt and the Sinai alliance; b) The possession of Canaan by the new generation, that is, those who were under twenty years of age or who were born in the desert. Moses, before dying and being succeeded by Joshua (Dt 34), renewed the alliance with the “new Israel” (Dt 28,69–30,20), so that this generation, forged in the desert, had the necessary knowledge and was capable of determining their behavior consistent with the will of YHWH in Canaan. Based on this perception, this article, articulated in six topics, deals with Num 13 and, using both diachronic and synchronic approaches, intends to elucidate singularities and intersections of this chapter with other parts of the book of Numbers, as well as, under certain aspects, with the other books of the Torah. Furthermore, it is hoped to offer a contribution to the advancement of exegetical-theological research on the theme of the gift/conquest of the land of Canaan, favoring, a little more, interest in reading and studying the book of Numbers.

**Keywords:** Book of Numbers. Moses. Narrative Analysis. Desert Time. Land of Canaan.

## Introdução

Os relatos contidos em Nm 13,1–14,45 contêm elementos da tradição *pré-sacerdotal* que foram reelaborados pela corrente *sacerdotal*.<sup>1</sup> Nm 13 narra a ordem divina sobre o envio de doze homens escolhidos, dentre as doze tribos, para realizar uma expedição de reconhecimento de Canaã, seguida da execução dessa ordem. Nm 14 apresenta o dilema sobre a possibilidade da conquista de acordo com o esquema: *insubordinação-ira-pena-mitigação*. O texto é encerrado, por um lado, pela sentença de vagarear quarenta anos no deserto e, por outro lado, pela nova violação da ordem divina, que levou os insubordinados a serem derrotados pelos amalecitas e cananeus.

Um olhar atento para o relato da queda original dos primogênitos da humanidade (Gn 3,1-24), permite perceber o esquema: *insubordinação-ira-pena-mitigação*. A sedução da serpente corresponde à fala dos dez espiões, que descreditaram os filhos de Israel quanto à ordem divina da conquista; o reato dos

---

<sup>1</sup> “Do ponto de vista literário, a narrativa em questão se mostra fortemente compósito. Se entrelaçam várias tradições que criam não poucas tensões no texto para um leitor atento. Em particular, os estudiosos evidenciam as duas tradições principais: aquela sacerdotal (13,1-17a.21.25-26.32-33; 14,1a.2-3.5-10.26-28), que alarga a exploração até os confins setentrionais de Canaã, e aquela mais antiga (13,17b-20.22-24.27-31; 14,1b.11-25.39-45), segundo a qual os enviados exploram somente a zona do Negueb nas proximidades de Hebron, quer dizer, só o Sul de Canaã” (NGUYEN, D. A. N., Numeri, p. 162-163). A narrativa, no v. 17a, foi iniciada pela tradição sacerdotal, mas no v. 17b está uma tradição pré-sacerdotal (NOWELL, I., Numbers, p. 57).

progenitores corresponde ao abandono dessa ordem; a indignação de YHWH, por terem desobedecido e comido do fruto proibido, corresponde à ira de YHWH diante da geração insubordinada; a declaração da sentença de morte (Gn 2,17; 3,3-4) corresponde à morte dessa geração no deserto; a expulsão do Jardim do Éden e a se viver em um terra que produz espinhos e cardos, corresponde a dar meia-volta e a vagarear por quarenta anos no deserto; enfim, a mitigação das roupas de pele corresponde à promessa de que os filhos dos murmurantes seriam os que herdariam a terra de Canaã.

Os dois recenseamentos, Nm 1 e Nm 26, estão relacionados com Nm 13,1-14,45 e servem de pilares para as partes do livro (Nm 1-25; 26-36).<sup>2</sup> Os aptos à guerra tinham “vinte anos para cima” (Nm 1,3.20.22.24.26.28.30.32.34.36.38.40), mas foram esses os sentenciados de morte no deserto, conforme o decreto de YHWH: “Nenhum dentre vós, dos que foram registrados de vinte anos para cima, e que murmurastes contra mim, poderá entrar na terra que jurei de fazer-vos habitar, a exceção de Caleb, filho de Jefoné, e Josué, filho de Nun” (Nm 14,29b-30).

De igual modo, em Nm 26,2 retoma-se a condição, “vinte anos para cima”, e nos vv. 64-65 reevoca-se a sentença que recaiu sobre os recenseados: “Entre esses não havia algum dos filhos de Israel, dentre os quais Moisés e Aarão tinham feito o recenseamento no deserto do Sinai, porque YHWH lhes tinha dito: ‘Deverão morrer no deserto’. E não ficou nem menos um, exceto Caleb, filho de Jefoné, e Josué, filho de Nun”. Ao lado disso, o episódio dos doze comissionados, mencionado em Nm 32,8-15, está em relação com Nm 34,16-29 pois oferece outra lista de doze homens escolhidos dentre as tribos para que, sob o comando de Eleazar e Josué, ajudassem na repartição de Canaã entre os filhos de Israel.

Nm 13,1-14,45 tem seu paralelo em Dt 1,19-46, mas com sutis diferenças.<sup>3</sup> A principal delas está na origem da intenção do envio dos espíões. Em Nm 13,1-2, a iniciativa da missão foi de YHWH. Em Dt 1,22, foi dos filhos de Israel. Em contrapartida, o aviso para não sair em combate em Nm 14,39-44 foi dado por Moisés, ao passo que em Dt 1,42-43 o alerta veio de YHWH. Há, também, a mudança sobre quem derrotou os insubordinados. Em Nm 14,45 foram os amalecitas e os cananeus.

<sup>2</sup> Sobre a estruturação do livro de Números, veja-se SKA, J.-L. *Introduzione alla lettura del Pentateuco*, p. 48-50; CARDELLINI, I. *Numeri* 1,1-10,10, p. 31-36. Ao lado dessa questão, deve-se atentar para as leis que surgiram após a legislação do Sinai e se encontram em Nm 10,11-36,13. Do Sinai a Canaã, Israel necessitou não apenas verificar a força e a validade da legislação recebida no Sinai, mas inclusive atualizá-las às novas circunstâncias (CRÜSEMANN, F., *A Torá*, p. 494-495).

<sup>3</sup> PAPOLA, G. *Deuteronomio*, p. 48. “Em Nm 13-14, a assim chamada ‘história dos espíões’ constitui o centro de um grande ciclo de rebeliões (Nm 11-20), ao passo que no Deuteronomio esta história aparece como prólogo à conquista da Transjordânia. É colocada bem no início da ‘recapitulação’ histórica de Moisés e fornece um paradigma para os temas da conquista e da perda da terra, que vão de Josué até Reis: cada revolta contra Javé e Moisés pode implicar a perda da terra e o ser constrangido a viver e morrer fora da terra” (RÖMER, T., *A chamada história deuteronomista*, p. 126).

Em Dt 1,44 foram os amorreus. Um particular, que se encontra em Nm 14,44, está ausente em Dt 1,19-46 e endossa o falimento dos que violaram a ordem de conquista revogada: A arca da aliança de YHWH e Moisés não se moveram do acampamento, demonstrando a rejeição à decisão de combate feita pelos insubordinados.

O presente estudo está subdividido em seis tópicos: 1ª) Tradução; 2ª) Abordagem crítico-literária; 3ª) Contextualização; 4ª) Estrutura e gênero literário; 5ª) Abordagem narrativa; 6ª) Particularidades textuais. Do ponto de vista metodológico, abordagens diacrônicas e sincrônicas foram conjugadas, a fim de se obter uma compreensão mais abrangente do texto em si e com outros *corpora* da Bíblia.

A figura de Moisés sobressai como grande líder. Obedece fielmente às ordens de YHWH e sofre com o duro golpe das rebeliões que mudaram o curso da história. O tempo do deserto foi ampliado e serviu para mostrar a indignação de YHWH contra os revoltosos e para revelar a sua misericórdia à nova geração. Moisés e Josué despontam como mestre e discípulo. Assim, preparou-se a via da sucessão.

## 1. Tradução de Nm 13<sup>4</sup>

<sup>1</sup>YHWH falou a Moisés, dizendo: <sup>2</sup>“Envia, por ti, homens que examinem a terra de Canaã, que eu estou dando para os filhos de Israel. Um homem! Um homem por tribo de seus pais enviareis, todo líder dentre eles”. <sup>3</sup>Moisés os enviou do deserto de Farã, segundo a ordem de YHWH; todos eles, de fato, eram homens-chefes dentre os filhos de Israel. <sup>4</sup>E esses são os seus nomes:

Da tribo de Rúben, Samua, filho de Zacur;

<sup>5</sup>da tribo de Simeão, Safat, filho de Huri;

<sup>6</sup>da tribo de Judá, Caleb, filho de Jefoné;

<sup>7</sup>da tribo de Issacar, Igal, filho de José;

<sup>8</sup>da tribo de Efraim, Oséias, filho de Nun;

<sup>9</sup>da tribo de Benjamim, Falti, filho de Rafu;

<sup>10</sup>da tribo de Zabulon, Gediel, filho de Sodi;

<sup>11</sup>da tribo de José, de Manassés, Gadi, filho de Susi;

<sup>12</sup>da tribo de Dã, Amiel, filho de Gemali;

<sup>13</sup>da tribo de Aser, Setur, filho de Miguel;

<sup>14</sup>da tribo de Neftali, Naabi, filho de Vapsi;

<sup>15</sup>da tribo de Gad, Guel, filho de Maqui.

<sup>16</sup>Esses são os nomes dos homens que Moisés enviou para examinar a terra. E a Oseias, filho de Nun, Moisés chamou Josué.

<sup>17</sup>Moisés os enviou para examinar a terra de Canaã e disse-lhes: “Subi por este Negeb e subireis o monte. <sup>18</sup>Vereis a terra como ela é e o povo que habita sobre

---

<sup>4</sup> Tradução pessoal a partir do texto hebraico massorético, preservado no Códice de Leningrado (TM<sup>L</sup>) e reproduzido com notas críticas na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS), p. 234-236.

ela: se ele é forte ou fraco; se ele é pouco ou se é numeroso; <sup>19</sup>e como é a terra na qual ele habita: se é boa ou má e em que cidades ele habita nelas; se em acampamentos ou em fortificações; <sup>20</sup>e como é a terra: se é fértil ou estéril, se nela há árvores ou não. Fazei-vos fortes e tomai dos frutos da terra”. Os dias eram dias das primeiras uvas.

<sup>21</sup>Então, subiram e examinaram a terra; desde o deserto de Sin até Roob, a entrada de Emat. <sup>22</sup>Subiram pelo Negueb e entraram por Hebron, e ali estavam Aimã, Sesai e Tolmai, os gerados de Enac. Hebron tinha sido edificada sete anos na frente de Zoan do Egito. <sup>23</sup>Entraram no vale de Escol e cortaram dali um ramo e um cacho de uvas; dois homens trouxeram sobre um bastão, com as romãs e os figos. <sup>24</sup>Aquele lugar chamou vale de Escol, por causa do cacho que os filhos de Israel cortaram dali.

<sup>25</sup>Então regressaram de examinar a terra, ao fim de quarenta dias. <sup>26</sup>Caminharam e voltaram até Moisés e Aarão e ante toda a assembleia dos filhos de Israel, ao deserto de Farã, rumo a Cades, e relataram para eles e para toda a assembleia a situação e fizeram ver os frutos da terra. E descreveram para ele e disseram: <sup>27</sup>“Entramos na terra para a qual nos enviaste e, de fato, ela mana leite e mel, e estes são frutos dela. <sup>28</sup>Contudo, o povo que nela habita é forte, as cidades são fortificadas e bem grandes; vimos, também lá, os filhos de Enac; <sup>29</sup>os amalecitas habitam a terra do Negueb; os hititas, os jebuseus e os amorreus habitam o monte; os cananeus habitam próximo ao mar e à margem do Jordão”.

<sup>30</sup>Caleb silenciou o povo diante de Moisés e disse: “Subiremos, certamente, e a herdaremos, pois, em verdade, podemos obtê-la”. <sup>31</sup>Mas, os homens, que subiram com ele, disseram: “Não podemos obter, ao subir contra o povo, porque ele é mais forte do que nós”. <sup>32</sup>E proferiram uma palavra sobre a terra que examinaram para os filhos de Israel, dizendo: “A terra pela qual passamos para examinar é uma terra que devora os que nela habitam e todo o povo, que vimos no meio dela, são homens de alta estatura. <sup>33</sup>Lá vimos os nefilim, filhos de Enac, dentre os nefilim; aos nossos olhos, éramos como gafanhotos, e assim seremos aos olhos deles”.

## 2. Abordagem crítico-literária

O aparato crítico da BHS (p. 234-236) aponta trinta e cinco problemas textuais. Os graus de relevância variam de acordo com a comparação do TM<sup>L</sup> com as versões. Predomina a comparação com o texto *Samaritano* e a *Septuaginta*; em menor número com a *Peshitta* e o *Targum Jônatas*. Chama a atenção que nenhuma comparação foi feita com a *Vulgata*, dando a entender que o texto usado por Jerônimo poderia ser praticamente idêntico ao TM<sup>L</sup>.

As variantes encontradas entre o TM<sup>L</sup> e os textos do Pentateuco *Samaritano* e a *Septuaginta* tendem à harmonização, pois buscam: “remover contradições internas ou irregularidades do texto da Torá que eram consideradas prejudiciais à sua santidade...

Muitas das vezes, o texto *Samaritano* e a *Septuaginta* concordam em uma harmonização específica, mas muitas das vezes eles harmonizam em detalhes diferentes”.<sup>5</sup>

Um exemplo significativo dessa harmonização encontra-se em Nm 13,8. O texto Samaritano não registrou a mudança do nome de Oseias para Josué, simplesmente o manteve, como já estava no v. 8: “e Moisés chamou Josué, o filho de Nun, Josué” (v. 16). Já a *Septuaginta* no v. 8 usou Oseias (Αυση) e no v. 16 adotou a mudança de Oseias para Jesus (Αυση υιόν Ναυη Ἰησοῦν). Ao lado desse exemplo, o texto *Samaritano* manteve o verbo “e caminharam” (יָצְאוּ) do v. 21, harmonizando-o com o v. 26. Já a *Septuaginta*, no lugar de “e caminharam”, optou por um particípio: “E os que iam” (καὶ πορευθέντες).

De modo geral, o TM<sup>L</sup> de Nm 13 não cria dificuldades para o tradutor. Alguns particulares, porém, merecem ser destacados e certas opções explicitadas.

As traduções em vernáculo, de forma lamentável, costumam omitir o objeto indireto do verbo no imperativo que abre a fala de YHWH a Moisés (Nm 13,2a): “Envia, para/por ti...” (שְׁלַח־לְךָ־נָא).<sup>6</sup> Tal omissão ofusca a prolepse que levará à rebelião de Coré, Datã e Abiram em Nm 16. Estes se colocaram contra Moisés e incitaram um grande número a formar um partido de oposição ao líder escolhido por YHWH.

Desde a sua primeira atuação, entre os filhos de Israel, Moisés foi alvo de várias hostilidades (Ex 2,13-14), que aumentaram durante as tratativas de libertação (Ex 5,19-21) e, mesmo após a saída do Egito, se intensificaram em diversos tipos de murmuração: frente ao exército perseguidor do faraó (Ex 14,10-12), frente às dificuldades da marcha pelo deserto: sede, fome, guerra e litígios internos (Ex 15,22–18,27; Nm 11,1-35)<sup>7</sup>; e até pelos próprios familiares (Nm 12). Esta murmuração, em particular, culminou com uma definição que poderia ser vista, dependendo da tradução do *qere* (קִרְיָ) – *ketib* (כִּתְּבָ) , como enaltecendo ou depreciando o líder do êxodo: “E Moisés era o homem mais humilde (humilhado, aflito, pobre), dentre todos os filhos de *Adām* que estavam sobre a *’ādāmá*”.

Ao que tudo indica, Moisés foi considerado um líder incapaz (talvez reflexo do que foi dito em Ex 3,11-12; 4,1-17), tanto pelos de dentro como pelos de fora de sua família, mas não por YHWH, que o escolheu e o estava educando a ter uma confiança

<sup>5</sup> TOV, E. Crítica Textual da Bíblia Hebraica, p. 84.

<sup>6</sup> “Envia homens” (Tradução Ecumênica da Bíblia, p. 224; Bíblia de Jerusalém, p. 221; Bíblia Ave Maria, p. 209; A Bíblia, p. 212; Bíblia de Estudo [ARA], 2011, p. 173. Outra tradução proposta: “Envia alguns homens” (Bíblia Sagrada, p. 173).

<sup>7</sup> Vicente Artuso (Análise narrativa e intertextual de Nm 11,1-3 e Nm 21,4-9, p. 135) admite que nas narrativas de murmuração e revolta do povo, após a saída do Sinai (Nm 11,1-3; 12,1-14; 14,1-20; 17,7-15; 20,2-11; 21,5-9), se encontra uma estrutura comum, culpa e castigo, pela qual a identidade e a missão de Moisés ficam em evidência.

cada vez mais inabalável na sua divina presença. Ex 34,6-7 é, sem dúvida, um marco decisivo no conhecimento que Moisés teve de YHWH no monte Sinai, graças à declaração dos critérios do seu divino agir.<sup>8</sup>

Ainda em Nm 13,2d, está uma duplicação que se costuma eliminar nas traduções ou aplicar o recurso da *hendíadis*: “Um homem! Um homem por tribo de seus pais enviareis, todo líder dentre eles” (אִישׁ אֶחָד אִישׁ אֶחָד לְמִטָּה אֶבְרָתָיו תִּשְׁלַחוּ כָּל נָשִׂיא בְּהֵם).<sup>9</sup> A duplicação parece ser uma justa insistência para que não apenas se alcance o número exato, mas que os escolhidos sejam, de fato, aptos para realizar a missão por serem representantes e, portanto, autorizados a relatar tudo o que for observado. Sendo um por tribo, não haveria disparidades entre as tribos. Nm 13,3 confirma que o principal critério foi seguido: “todos eles, de fato, eram homens-chefes dentre os filhos de Israel”.

Já, por isso, pode-se entrever uma relação entre o objeto indireto, acima mencionado (“para/por ti” – פָּרְשָׁה), e os que foram escolhidos. Moisés deve enviar homens dignos de crédito junto às tribos e que levem a sério a missão, pois o relatório, fundamentado na observação minuciosa, permitiria a tomada de decisão não de forma arbitrária, partindo do líder Moisés, mas como consenso das doze tribos.

Dado singular: YHWH podia ter dado a ordem de entrar e conquistar, mas preferiu dar ao povo a graça do livre arbítrio para dele obter a obediência da fé, exatamente como fez com os progenitores no Jardim do Éden (Gn 2,16-17; 3,1-7). Algo que, pelo v. 30, parece ter ocorrido “apenas” com Caleb. Mais adiante na narrativa, Josué também apareceu ao lado do mesmo partido de Caleb (Nm 14,6-9).

O verbo תִּירָה, usado sete vezes (Nm 13,2.16.17.21.25.32<sup>2x</sup>), denota grande importância. Apesar de atestado na literatura do Antigo Oriente Próximo (AOP), dificuldades sobre a clareza etimológica são admitidas. O verbo significa “explorar” ou

---

<sup>8</sup> “A informação contida em Ex 34,6, no conjunto e na dinâmica do livro do Êxodo, revela uma inesperada descoberta e uma notável novidade para Moisés: a revelação extraordinária de Deus, que é capaz de manifestar a sua grandiosa justiça através da compaixão, acolhendo o pedido de perdão que Moisés fez em favor do povo que pecou.” [...] “Nm 14,18-19, considerando a ordem canônica da Torá, alude à revelação de Ex 34,6-7... Ênfase maior foi dada, portanto, ao agir do Senhor, presente em Ex 34,7.” [...] “Pode-se dizer que a misericórdia manifestada pela lentidão na ira e na abundância da lealdade do Senhor (Ex 34,6) não impediu, mas, ao contrário, concretizou a sua justiça (Ex 34,7), pois toda a geração que saiu do Egito e que desejou voltar para lá sob nova liderança (Nm 14,2-4) acabou por perecer no deserto.” (FERNANDES, L. A. A base veterotestamentária da imitação de Deus em Lc 6,36-38, p. 15.17.18).

<sup>9</sup> “Enviareis um homem por tribo, cada um pela tribo de seus pais” (Tradução Ecumênica da Bíblia, p. 224); “Enviareis todos aqueles que sejam seus príncipes” (Bíblia de Jerusalém, p. 221); “Enviaráis um homem de cada tribo patriarcal” (Bíblia Ave Maria, 2022, p. 209); “Enviareis um homem de cada tribo da casa de seus pais” (A Bíblia, p. 212); “de cada tribo de seus pais enviareis um homem, sendo cada qual maioral entre eles” (Bíblia de Estudo [ARA], p. 173); “Enviaráis um homem de cada tribo paterna” (Bíblia Sagrada, p. 173).



“dar voltas” em torno de algum lugar; também são aceitos os sentidos de “observar”, “espionar” e “examinar”<sup>10</sup>. Nas traduções, “explorar” é o mais usado.<sup>11</sup>

Contudo, o sentido de reconhecimento geográfico não foi encontrado em textosugaríticos nos quais o verbo תור foi utilizado, como se depreende do que poderia ser o objetivo pretendido de acordo com a índole de Nm 13. De igual modo, não seria muito sensato entender esse verbo somente com o sentido de “ir e voltar” de um lugar, com a intenção de procurar ou espionar alguém ou algo, movimento que se depreende de Nm 13,17.21.25.

Em um modo condizente com o contexto, seria preferível o sentido de “observar” com atenção ou de “examinar” com cuidado, a fim de perceber a realidade como um todo e, a partir desta, formular um conhecimento o mais seguro possível, sem o qual não seria plausível agir ou tomar uma decisão de forma razoável e prudente. Algo que se deduz da controvérsia instaurada entre a intervenção de Caleb e a oposição humana “sensata” dos demais eleitos para a missão (Nm 13,30-33).

A tradução proposta, “examinar”, justifica-se por dois motivos. O primeiro, por ser aceção aceita para o verbo. O segundo, no entanto, pode ser mais intuitivo, pois o verbo tem três letras que compõem o substantivo feminino Tôrâ (תּוֹרָה) que, apesar das discussões existentes sobre a etimologia e o valor semântico das três aceções lexicais da raiz ירה, assumiu a conotação de “lei” e “instrução”.<sup>12</sup>

Embora, segundo a narrativa, a legislação dada no Sinai tenha sido recebida pelos libertos, feito povo eleito e sacerdotal no Sinai (Ex 19,1–24,17), foi renovada com a nova geração que nasceu no deserto, e, nas estepes de Moab, já estava diante de Canaã (Dt 28,69–30,20).<sup>13</sup> A Tôrâ foi dada para ser colocada em prática pelo povo ao tomar posse da terra (Dt 17,11; 31,12; 32,46). Algo que deveria ter acontecido quase que de “imediato”, se os filhos de Israel não tivessem se rebelado à vontade de YHWH.

A escolha dos doze líderes para a missão (Nm 13,4b-15) poderia ser vista em função da posição que, depois da conquista, assumiriam em Canaã, graças ao tempo

<sup>10</sup> LIWAK, R. תור *twr*, colunas 1025-1030.

<sup>11</sup> “... para *explorar* a terra de Canaã” (Tradução Ecumênica da Bíblia, p. 224; Bíblia de Jerusalém, p. 221; Bíblia Ave Maria, p. 209); “... a fim de *explorarem* a terra de Canaã” (A Bíblia, p. 212). Outras traduções propostas: “... para *fazer o reconhecimento* do país de Canaã” (Bíblia Sagrada, p. 173); “... que *espiam* a terra de Canaã” (Bíblia de Estudo [ARA], p. 173).

<sup>12</sup> Para as três aceções, veja-se: WAGNER, S. ירה *jārâ*, colunas 1062-1070; 1070-1074; 1074-1085. GARCIA LÓPEZ, F. תּוֹרָה *tôrâ*, colunas 1030-1078.

<sup>13</sup> “YHWH é único (Dt 6,4) e, por sua unicidade, fundamenta-se a unicidade de Israel como povo escolhido e sujeito da obediência. Da aliança que se iniciou em Gn 32,28-30, que marcou a história dos pais (Dt 6,10.18), sai o fundamento da própria aliança estabelecida no Horeb/Sinai (Ex 20,22–23,19) e renovada em Moab (Dt 28,69–30,20). A partir deste ponto de vista, a singularidade de Israel permite que se leia a aliança como um relacionamento que continua a se desdobrar ao longo do tempo e da história, na qual se destaca a fidelidade de YHWH à sua palavra e às suas promessas. YHWH nunca falha e não volta atrás, mantém a sua fidelidade à aliança, ainda que Israel vacile” (COSTA, D. G. da., A pedagogia de YHWH, p. 120).



que transcorreram na terra, e do como transmitiriam o conhecimento que adquiriram na missão que durou quarenta dias (Nm 13,25).<sup>14</sup>

O que se pretende dizer com a aproximação do verbo תור ao substantivo תורה está em função do que YHWH quer do povo que passou de oprimido a liberto (Ex 1,1–15,21), e de liberto a propriedade peculiar, reino de sacerdotes e nação santa, sob a condição de ouvir a voz de YHWH e praticar a sua aliança: obediência incondicional a Ele e à sua vontade (Ex 19,3-6).<sup>15</sup>

A missão que foi confiada aos doze escolhidos serve de prolepse para verificar se o conhecimento de YHWH e da sua vontade se tornaria o comportamento ético condizente com a Tôrâ. Por essa associação, a missão de examinar a terra de Canaã, que pertence ou é para YHWH (Ex 19,5), evidenciaria a missão que os fiéis piedosos devem realizar em relação à Tôrâ: Aplicar-se ao seu estudo-investigação, fundamento do comportamento condizente com o conhecimento de YHWH e da sua vontade (Dt 17,10-20; Js 1,7-9; Esd 7,6; Eclo 39,1-11).<sup>16</sup>

Nesse sentido, a tradução por “examinar” poderia ser ainda associada ao ato de ver atentamente o que os povos citados estariam fazendo em Canaã, a fim de rejeitar as suas práticas idolátricas, dando a entender que a futura ação dos filhos de Israel seria a de expiar Canaã, no sentido de purificá-la de todas as injustiças cometidas pela idolatria desses povos. Sobre estes, em particular, deve-se notar que só os hititas, os jebuseus, os amorreus e os cananeus estão na lista dos seis povos citados em Ex 3,8.17. Nestes versículos, nada se falou sobre os filhos de Enac e os amalecitas. Estes, em particular, nem deveriam ter sido citados, uma vez que foram vencidos na primeira batalha dos libertos do Egito sob o comando de Josué em Rafidim, segundo a narrativa de Ex 17,8-16.

---

<sup>14</sup> Dentre os doze, segundo a narrativa do livro de Josué, o primeiro exortado, de forma enfática, a ter uma postura singular frente à Tôrâ foi Josué, ao suceder o grande líder Moisés na missão de fazer o povo entrar e conquistar a terra de Canaã (Js 1,7-8). Essa mesma figura, além de ter tido o seu nome mudado por Moisés (Nm 13,16c), recebeu destaque antes de Caleb só em Nm 14,6. Uma inversão de posição que mereceria ser considerada, pois em Nm 13,30 não tomou partido ao lado de Caleb e em Nm 14,24 não foi citado com Caleb, com este só reapareceu em Nm 14,30 e de novo à sua frente em Nm 14,38. Caleb foi o escolhido da tribo de Judá (Nm 13,6) e Josué foi o escolhido da tribo de Efraim (Nm 13,8). Essa escolha reflete a relação que se desejou estabelecer entre as forças político-econômicas do reino do Sul (representado por Caleb da tribo de Judá) e do reino Norte (representado por Josué da tribo de Efraim).

<sup>15</sup> Ex 19,6 “define de maneira perfeita a identidade do Israel pós-exílico. Israel é um ‘reino’, embora não tenha rei, e se define pelo seu caráter ‘sacerdotal’. Como os sacerdotes da Antiguidade eram antes de tudo pessoas consagradas ao serviço do templo, Israel, na sua inteireza, é consagrado ao serviço do seu Deus. Noutros termos, Ex 19,3-6 afirma que o Deus de todas as nações reservou uma para si, Israel, para o seu serviço pessoal” (SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 117).

<sup>16</sup> O “autorretrato” do escriba, como aquele que busca conhecer, conservar, perscrutar e explicar a Sagrada Escritura ao povo (Eclo 39,1-11), poderia ajudar a superar dicotomias que às vezes surgem entre a prática exegetica e a teologia bíblica (FERNANDES, L. A. O “exegeta” e o “teólogo” diante do “escriba”, p. 1-10).

No tocante à qualidade da terra, os comissionados deveriam verificar se era “robusta” (גִּבּוֹרָה) ou “depauperada” (הִיָּבֵשׁ), isto é, “fértil” ou “estéril”. Tal critério é essencial, pois tinha que propiciar a existência do povo numeroso que deixou o Egito para herdar Canaã (Ex 12,37-38). Algo estranho ao se lembrar da fala de YHWH a Moisés sobre a terra em Ex 3,8: “... para uma terra boa e espaçosa, para uma terra que corre leite e mel”. Se não fosse boa de fato, não faria sentido enumerar os seis povos que nela estavam habitando. Se YHWH já havia dito que era boa, por que razão esse critério fora exigido por Moisés na missão dada aos doze “homens-chefe” (v. 3)? Mais uma vez pode-se evocar o critério capaz de convencer o povo a prosseguir na intenção da conquista, aderindo a YHWH e à sua vontade. Dado confirmado pela fala dos comissionados: “de fato, ela mana leite e mel” (Nm 13,27).

### 3. Contextualização

Do ponto de vista dos *personagens*, há mudanças significativas. A esposa cushita de Moisés e a irmã deste, Mirian, que por causa dela questionou a autoridade profética de Moisés (Nm 12,1), não reaparecem em Nm 13. Moisés e Aarão continuam atuantes. Aarão, porém, só foi citado ao lado de Moisés em Nm 13,26 sem protagonismo explícito, à diferença de Nm 12,11-12, pois a Moisés recorreu, intercedendo a favor de Mirian.<sup>17</sup>

YHWH, em Nm 12,4-11, além de tomar as dores e defender Moisés, o qualificou de forma singular como profeta (vv. 6-8; Dt 34,10).<sup>18</sup> Em Nm 13,1-2, YHWH foi quem

---

<sup>17</sup> Aarão, segundo a lógica do relato, foi tão culpado quanto Mirian, a única a receber uma punição. Talvez pela iniciativa ter partido dela. Talvez para salvaguardar a função de sumo-sacerdote confiada a Aarão. Chama a atenção o contraste da cor. Enquanto a pele da cushita é morena, por ser uma etíope (dado que lembra o que a amada disse de si mesma ao amado em Ct 1,5-6), a pele de Mirian ficou branca como a neve (Nm 12,10). Pode-se entrever, na fala de Mirian, uma atitude “racista” ou de superioridade (VARO, F. Números, p. 111). Nm 12 poderia atestar uma tradição que se opôs ao exclusivismo, mais religioso que racial, presente nas iniciativas de Esdras e Neemias no tocante aos matrimônios mistos que deveriam ser desfeitos (Esd 9–10; Ne 13,23-25). Um especialista na Tôrâ, como Esdras (Esd 7,6), por certo não ignorava que Moisés fora casado com uma madianita (Ex 2,21-22), ou uma cushita (Nm 12,1), que em Dt 21,10-14 havia uma permissão de união com mulheres dos inimigos vencidos na guerra, ou o que se deu com a cananeia Tamar e Judá (Gn 38), ou que a bisavó de Davi era uma moabita (Rt 4,18-21). Das duas uma: ou esses textos favoráveis aos matrimônios mistos não existiam na época de Esdras e Neemias, ou, o que parece mais sensato pensar, refletem posições diferentes às dos reformadores que lançaram as bases do judaísmo. Tanto a repulsa como o olhar favorável pelos não judeus encontra-se presente no livro de Jonas (FERNANDES, L. A. Jonas, p. 31).

<sup>18</sup> “Também Nm 12,6-8 trata do problema da comunicação, como Ex 33,11, e insiste na qualidade superior da comunicação entre Deus e Moisés, em comparação com a comunicação entre Deus e os demais profetas. Com Moisés, Deus fala literalmente ‘boca a boca’, vale dizer, ‘face a face’, e não há mediações ou intermediários. Com os outros profetas, ao contrário, Deus comunica-se através de sonhos e visões. A imediatidade caracteriza a relação entre Deus e Moisés, ao passo que não é o caso com os outros profetas,

deu uma ordem a Moisés, transformada, por sua vez, em ordem aos doze escolhidos para examinar Canaã (Nm 13,3.17-20b). Após o regresso dos comissionados, não houve diálogo, mas uma espécie de balanço da missão, o que levou Caleb a entrar em cena no lugar de uma esperada reação de Moisés frente ao povo que murmurou contra ele (Nm 13,30). Frente a isso, também não houve uma pronta reação de YHWH.

No que diz respeito ao *local*, houve mudança, pois o episódio de Nm 12 ocorreu em Haserot, já o de Nm 13 teve o seu ponto de partida e de chegada no deserto de Farã (Nm 13,3.26), onde os filhos de Israel acamparam depois que saíram de Haserot (Nm 12,16). O foco, contudo, foi a terra de Canaã a ser examinada sob diferentes aspectos: se o solo era fértil ou infértil, se os habitantes eram fortes ou fracos, numerosos ou não, se as cidades ou acampamentos eram fortificados.

Quanto ao *tempo*, devido à conspiração de Mirian, envolvendo Aarão, a marcha até os limites de Canaã foi atrasada de sete dias, para que ela se purificasse da lepra, obedecendo à legislação contida em Lv 13,4-6. Já os quarenta dias (Nm 13,25), tem a ver com o tempo que os comissionados precisaram para entrar, examinar e regressar de Canaã, a fim de apresentar o relatório da missão a Moisés, a Aarão e para toda a assembleia dos filhos de Israel (Nm 13,26).

Enquanto Nm 12 está centrado na importância e no papel de Moisés, a fim de enfatizar o ideal do exercício da autoridade profética do líder, Nm 13 mostra essa autoridade em ação sob o domínio direto de YHWH. Moisés, o mediador, recebeu, de YHWH, a ordem de escolher doze homens, um de cada tribo, para examinar a terra de Canaã. Se passa da murmuração, que procurou desqualificar Moisés em nível familiar, para o seu protagonismo em nível tribal. Dado singular recaiu sobre Moisés que, ao que parece, nada sabia sobre o que se passava em Canaã à diferença de YHWH que, porém, não dispensou a participação humana nesse processo de reconhecimento para obter a sua plena adesão.<sup>19</sup>

O motivo da ira de YHWH em Nm 12, murmuração de Mirian e Aarão contra Moisés, não retornou em Nm 13, quando o povo murmurou contra Moisés diante do relato apresentado.<sup>20</sup> Nesse sentido, a fala do narrador, sobre a índole do líder Moisés

---

que permanecem a distância. O objetivo deste texto é certamente estabelecer uma hierarquia entre os profetas e dar a preeminência a Moisés” (SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 174).

<sup>19</sup> Tal desconhecimento de Moisés e do povo acampado nas estepes de Moab se repetirá em relação a Balac que mandou buscar Balaão para amaldiçoar os filhos de Israel (Nm 22,2-24,25). Nem Moisés, nem os filhos de Israel, acampados nas estepes de Moab, sabiam do que Balac tramava contra eles. Essa informação é sabida somente pelo ouvinte-leitor do episódio.

<sup>20</sup> “A locução ‘ira do Senhor’ (*’ap* YHWH) é muito recorrente na Sagrada Escritura e pode ser entendida como expressão da santidade e da justiça de Deus frente às injustiças humanas”. [...] “Nm 12 atesta que a ira do Senhor Deus se acendeu contra Mirian e Aarão, porque murmuraram contra Moisés (v. 9)”, isto foi um ato injusto da parte dos irmãos de Moisés. Assim: “O episódio atesta que o exercício da autoridade vem da

(Nm 12,3), atesta o dado positivo já feito em Nm 11,29 frente a Josué e parece ter sido retomado no silêncio de Moisés frente à murmuração do povo, quando Caleb tomou a palavra para acalmar os ânimos (Nm 13,30).

A ação de Caleb, porém, ao silenciar o povo, que se sentiu desencorajado diante de Moisés, pelo relato que ouviu dos comissionados, permite entrever que uma nova murmuração será desencadeada contra o seu líder. Esta reação do povo contra Moisés pode ser vista como uma prolepse tanto do que está dito em Nm 14,1-12, pois o povo se revoltou a ponto de querer lapidar Josué e Caleb, por defenderem a possibilidade da conquista, como da futura revolta de Coré, Datã e Abiram<sup>21</sup> em Nm 16, questionando a autoridade de Moisés, como líder, e que, mais adiante na narrativa, colocou em dúvida a escolha de Aarão como sumo-sacerdote (Nm 17-18).

Nm 13-14 pode ser admitido como uma narrativa ampla. Nm 13 narra a ordem de examinar Canaã e a execução dessa ordem, cuja principal consequência, apesar do reconhecimento da boa qualidade da terra, foi a murmuração do povo contra Moisés, ao invés da adesão aos desígnios de YHWH. Esse resultado prepara Nm 14 que, por sua vez, segue o esquema insubordinação do povo, ira de YHWH, pena atribuída e mitigação da pena, como se deu em Nm 12 com Miriam. Nos dois casos, Moisés, como mediador legal, apelou a YHWH em favor de Mirian e do povo insubordinado. Os argumentos usados sobre este, em particular, demonstram a liberdade com a qual Moisés era capaz de se dirigir a YHWH.

De forma proléptica, a resposta de YHWH à intercessão de Moisés por Mirian não foi total, pois ela teve que experimentar o tempo da lepra e da sua purificação, visto que o isolamento, para se constatar a evolução ou involução da enfermidade, era de sete dias; de igual modo, o povo murmurante recebeu a pena de vagar quarenta anos pelo deserto, por não confiar em YHWH, deixando-se intimidar mais pelo que viu, disse e ouviu sobre os filhos de Enac do que foi visto, dito e ouvido de positivo sobre Canaã, que abruptamente passou de boa e fértil (Nm 13,27), à terra que devora os seus habitantes (Nm 13,32).<sup>22</sup>

Nm 14,1-5 intensifica o tema da murmuração do povo contra Moisés e Aarão. O perigo e o medo, frente aos filhos de Enac e ao negativo sobre a terra, passaram ao primeiro plano, deixando de lado o cumprimento da promessa feita por YHWH. Assim, agravou-se o esquecimento de todos os seus feitos que se deram tanto no êxodo do

---

livre eleição do Senhor Deus, razão pela qual a conspiração contra Moisés, definido como um homem muito manso (v. 3), não ficou sem punição” (FERNANDES, L. A., O texto bíblico, p. 47.49).

<sup>21</sup> Sobre essa revolta, admite-se, pela crítica literária, que Nm 16-17 seria fruto de uma composição de diferentes tradições ou fontes. Para uma avaliação sobre isto, veja-se ARTUSO, V. As revoltas contra Moisés e Aarão em Nm 16-17, p. 372-399; ARTUSO, V. A teoria documentária do Pentateuco, p. 279-300.

<sup>22</sup> Canaã é retratada como o *sheol* que engole os desavisados (Pr 1,12; Is 5,14). A depreciação da terra foi aumentada pela descrição terrificante dos seus habitantes. É a rejeição das promessas divinas para o povo eleito em uma terra qualificada para proporcionar a vida (NOWELL, I. Numbers, p. 57).

Egito como para manter os libertos que, com ele, selaram a aliança no Sinai. Revogase, mais uma vez, o que o povo respondeu à proposta de YHWH exposta por Moisés em Ex 19,3-7: “Tudo o que YHWH falou, nós faremos” (Ex 19,8), violada no pecado da idolatria e na experiência do perdão (Ex 32–34).<sup>23</sup>

Do ponto de vista dos *personagens*, mais uma vez Moisés, tendo Aarão ao seu lado, foi colocado à prova no que diz respeito à sua autoridade. Surgiu a decisão de escolher um novo líder que estivesse disposto a reconduzir o povo no caminho de volta para o Egito. Tal iniciativa parece ir na contramão de Ex 13,17 (evocado explicitamente em Dt 17,16 e em Os 11,5).

A oposição a Moisés revela um clímax na oposição a YHWH. O povo, ao invés de ir adiante, sob a mão forte de YHWH, preferiu regressar ao Egito. Com isso, o retorno ao Egito passou a ser um símbolo do distanciamento do povo em relação a YHWH (Os 7,11; Is 30,1-7; 31,1-3; Jr 2,18.36; Ez 17,15). É nesse ponto que Josué é citado antes de Caleb. Ambos saíram em defesa do dom de Canaã, sob a condição de YHWH lhes ser favorável (Nm 14,5-9). Tal postura os tornou alvos de lapidação, se YHWH não tivesse manifestado a sua glória na tenda-santuário, diante de todos os filhos de Israel (Nm 14,10).

Sem que seja mencionado explicitamente, o *local* da rebelião intensificada permanece o mesmo: o deserto de Farã, onde se acendeu a ira de YHWH frente à insubordinação do povo. Se este não quis mais Moisés como seu líder, YHWH apareceu disposto a eliminar todo o povo e, a partir de Moisés, suscitar uma nova estirpe obediente como ele. Surpreende a recusa de Moisés da proposta de YHWH e, de forma eloquente, usa, para convencer YHWH, o critério do orgulho psicológico que um soberano deve ter sobre o seu grande feito, a fim de não ser ridicularizado pelos outros. Sobressai a grandeza de Moisés como intercessor (Nm 14,11-19).<sup>24</sup> Algo que não ocorreu em Nm 13, mas já fora presenciado em Nm 12, evidenciando, ainda mais, a definição atribuída a Moisés em Nm 12,3.

Quanto ao *tempo*, o foco recaiu sobre a sentença dos quarenta anos no deserto, um ano para cada dia que os homens-chefes passaram examinando Canaã, apesar de YHWH atender à intercessão de Moisés (Nm 14,13-35). Sobre essa sentença é preciso

---

<sup>23</sup> Para Gianni Barbiero (Dio di misericórdia e di grazia, p. 11): “Está claro, outrossim, que para se compreender os cc. 32–34, é preciso aludir à proposta feita por Deus ao seu povo de entrar com ele em uma relação particular (Ex 19,3-6), proposta à qual o povo tinha dado o seu entusiasmado consentimento: ‘Tudo o que YHWH disse, nós o faremos’ (19,8). A ruptura da aliança deve ser vista, então, sobre o fundo da estipulação da mesma nos cc. 19–24”.

<sup>24</sup> “Na sociedade antiga, honra e vergonha eram os dois polos principais da vida social, e é normal, portanto, mostrar qual era o comportamento respeitável e qual podia causar vergonha. Também Deus, de acordo com Moisés, deve respeitar certa hierarquia de valores, particularmente diante dos egípcios, ‘a primeira potência mundial’ no imaginário bíblico. Observemos que Moisés toma a iniciativa de recomendar a Deus que respeite os valores fundamentais da sociedade do tempo” (SKA, J.-L., O canteiro do Pentateuco, p. 176-177).

lembrar que os libertos já estavam há quase dois anos no deserto, desde que saíram do Egito (Ex 19,1; Nm 1,1; 10,11; 14,33; Dt 2,14). Por causa dessa sentença, decorreu nova insubordinação, pois o povo, sem a aprovação de YHWH e de Moisés, pretendeu reverter a situação e subiu para enfrentar os habitantes. Foram, assim, vencidos e expulsos pelos amalecitas e cananeus (Nm 14,39-46). Esta atitude inesperada é totalmente contraditória ao que os homens-chefes disseram ao retrucar a fala de Caleb (Nm 13,30-33).

#### 4. Estrutura e gênero literário

Além de fluidez, Nm 13 possui particulares sobre pessoas, tempo e lugares. Ordem e execução, ação e reação, são movimentos marcantes. Os examinadores de Canaã ficam em evidência nos três momentos da narrativa, iniciada pela ordem de YHWH a Moisés, devidamente executada (vv. 1-3).

A partir desse ponto inicial, o texto revela ter sido elaborado de forma simétrica, a fim de oferecer o desdobramento da ordem divina e da sua execução por Moisés: (A) Eleição e instrução dos homens-chefes (vv. 4-20); (B) Execução da missão pelos homens-chefes (vv. 21-24); (A') Avaliação da missão pelos homens-chefes com destaque em Caleb (vv. 25-33).<sup>25</sup>

A última parte revela as posturas em relação à expedição e nova simetria desponta: (a) A terra é boa, mas os que nela habitam são grandes e fortes (vv. 25-29); (b) Caleb silencia o povo e reafirma a possibilidade da conquista (v. 30); (a') A terra devora os habitantes e lá os filhos de Enac são grandes e fortes (vv. 31-33). Em forma esquemática:

**A: Eleição e instrução dos homens-chefes**

vv. 4-16: Eleição e envio dos eleitos;

v. 16c: Adendo sobre Oseias/Josué;

vv. 17-20: Ordem de Moisés aos homens-chefes e instruções sobre a missão;

v. 20f: Adendo sobre o tempo das primícias;

**B: Execução da missão pelos homens-chefes**

vv. 21-24: Execução da ordem dada por Moisés pelos homens-chefes;

v. 22: Adendo sobre Hebron;

v. 24: Adendo sobre o vale de Escol;

**A': Avaliação da missão pelos homens-chefes**

(a) vv. 25-29: Os homens-chefes fazem o relatório detalhado da missão;

(b): v. 30: Reação de Caleb ao povo;

(a'): vv. 31-33: Os homens-chefes reagem a Caleb e reafirmam o relatório.

---

<sup>25</sup> O entrelaçamento das cenas e os diálogos citados em Nm 13 revelam a arte da elaboração literária, jogando com o suspense, a ironia e o drama (OLSON, D. T., Numeri, p. 91).

Um particular, sobre essa estrutura, pode ser acrescentado no tocante aos vv. 1-16. Em primeiro lugar, há várias semelhanças entre Nm 13,1-4 e Nm 1,1-5. A ordem parte de YHWH a Moisés. No início, o uso do verbo “falar” (דָּבַר), ao invés de “dizer” (אָמַר), concede intensidade à mensagem sobre as tarefas que, nos dois casos, exigiram a participação de líderes tribais. Na primeira lista, os homens-chefes foram escolhidos para auxiliar Moisés e Aarão na execução do recenseamento dos homens aptos para a guerra. No segundo caso, foram escolhidos para o reconhecimento das condições da terra, sobre os hábitos de seus habitantes e sobre a sua organização, se em cidades ou acampamentos. Pode-se pensar que essa aptidão para a guerra seria verificada a partir do momento em que os filhos de Israel, em particular os que foram recenseados, passassem o Jordão e entrassem para conquistar Canaã.

No tocante à lista dos doze homens escolhidos, nota-se que em Nm 13,4b-15 não foi seguida a mesma disposição da lista em Nm 1,5b-15. O quadro, abaixo, permite ver as diferenças.

Nm 1,5b-15	Nm 13,4b-15
Da tribo de Rúben, Elisur, filho de Sadeur; <sup>6</sup> da tribo de Simeão, Salamiel, filho de Surisadai; <sup>7</sup> da tribo de Judá, Naasson, filho de Abinadab; <sup>8</sup> da tribo de Issacar, Natanael, filho de Suar; <sup>9</sup> da tribo de Zabulon, Eliab, filho de Helon; <sup>10</sup> dos filhos de José: de Efraim, Elisama, filho de Amiur; de Manassés, Gamaliel, filho de Fadassur; <sup>11</sup> da tribo de Benjamim, Abidã, filho de Gedeão; <sup>12</sup> da tribo de Dã, Aieser, filho de Amisadai; <sup>13</sup> da tribo de Aser, Feguiel, filho de Ocrã; <sup>14</sup> da tribo de Gad, Eliasaf, filho de Reuel; <sup>15</sup> da tribo de Neftali, Aira, filho de Enã.	Da tribo de Rúben, Samua, filho de Zacur; <sup>5</sup> da tribo de Simeão, Safat, filho de Huri; <sup>6</sup> da tribo de Judá, Caleb, filho de Jefoné; <sup>7</sup> da tribo de Issacar, Igal, filho de José; <sup>8</sup> da tribo de Efraim, Oséias, filho de Nun; <sup>9</sup> da tribo de Benjamim, Falti, filho de Rafu; <sup>10</sup> da tribo de Zabulon, Gediel, filho de Sodi; <sup>11</sup> da tribo de José, de Manassés, Gadi, filho de Susi; <sup>12</sup> da tribo de Dã, Amiel, filho de Gemali; <sup>13</sup> da tribo de Aser, Setur, filho de Miguel; <sup>14</sup> da tribo de Neftali, Naabi, filho de Vapsi; <sup>15</sup> da tribo de Gad, Guel, filho de Maqui.

Essas listas também dispõem os nomes dos filhos de Jacó numa ordem diferente das listas que as precedem: Gn 29,31–30,24 + 35,16-20; 46,8-27; 49,1-28; Ex 1,1-7 (Ex 6,14-25 contém uma lista incompleta, pois a finalidade era apresentar a genealogia de Moisés e Aarão).

Contudo, há uma lógica nessas listas. Primeiro estão os filhos de Lia (Rúben, Simeão, Judá, Issacar e Zabulon, citado depois de Efraim e Benjamim em Nm 13,9-



10), depois os filhos de Raquel: José e Benjamim; seguidos dos primogênitos com as escravas: Bala (Dã) e Zelfa (Aser), depois os secundogênitos invertidos: de Zelfa (Gad) e de Bala (Neftali).

Na distribuição do acampamento, porém, a tribo de Gad apareceu recenseada logo após a contagem da tribo de Simeão, compondo, com a tribo de Rúben, o lado Sul do acampamento (vv. 24-25, Nm 2,10-17). Levi, terceiro filho de Lia (Gn 29,34), não figura em nenhuma das listas devido à escolha por YHWH para o serviço sacerdotal e para cuidar de tudo na tenda-santuário (Nm 1,47).

Em Nm 1,5a a lista é aberta com uma fala de YHWH a Moisés. Em Nm 13,4a a fala é do narrador. O final também possui diferenças. Em Nm 1,16 enfatiza-se a escolha de líderes. Em Nm 13,16a alude-se ao envio e o narrador acrescenta a notícia da mudança de nome de Oseias, representante da tribo de Efraim, para Josué feita por Moisés.

Enfim, quanto ao novo recenseamento em Nm 26,1-56, o critério dos *vinte anos para cima* aptos para a guerra permaneceu, mas a sequência das tribos não é igual a Nm 1,5b-15 nem a Nm 13,4b-15. A lista abre-se com Rúben, informando que é o “primogênito de Israel”, e segue com Simeão, Gad, Judá, Issacar e Zabulon. Nota-se que Gad, da última posição em Nm 13,15, passou para a terceira posição. José, à diferença de Nm 1,10 e Nm 13,11 é citado em forma de moldura para Manassés que antecede Efraim (vv. 28.37c). Dã, Aser e Neftali fecham a lista.

A partir dessa estruturação e do conteúdo disposto na sequência narrativa, pode-se dizer que Nm 13 pertence ao gênero literário *vocação e missão*, muito frequente em toda a Sagrada Escritura, mas, de modo particular, em relação a Ex 3,1-4,18. Enquanto Moisés, no episódio da sarça ardente no monte Horeb, teve que ser convencido por YHWH para assumir a sua vocação e missão, os doze não resistiram à ordem que receberam e ao que deles era esperado na missão, devidamente realizada em todos os detalhes que foram determinados. Contudo, a posição desoladora assumida pelos homens-chefes, referente à conquista (Nm 13,31-33), aproxima-se das objeções que Moisés colocou ao ser vocacionado e comissionado por YHWH.<sup>26</sup>

## 5. Abordagem narrativa

Cinco vezes atuam explicitamente no texto: O narrador, que é o condutor explícito. YHWH, Moisés, os espíões, citados por nomes por suas tribos, e Caleb. Já Josué, Aimã, Sesai, Tolmai, os gerados de Enac, Aarão, toda a assembleia, os

---

<sup>26</sup> A hesitação dos escolhidos para a missão em Canaã lembra o quanto Moisés hesitou diante da vocação e da missão que YHWH lhe deu em Ex 3,1-4,18. A diferença, porém, encontra-se no fato de YHWH, pedagogicamente, ter dado a Moisés respostas dignas de crédito para ajudar o seu comissionado a superar o medo. A posição de Caleb frente ao povo murmurante pode ser vista como paralela à ação de YHWH em relação a Moisés. Já os demais líderes usaram os critérios que infundiram um medo ainda maior no povo.

amalecitas, os hititas, os jebuseus e os amorreus também são personagens citados, mas sem fala em Nm 13.

Nota-se que a fala do narrador prevalece: introduz o relato (vv. 1-17ab), faz considerações sobre a época, a trajetória, oferece notícias sobre as localidades, os habitantes, o cacho de uvas, e o retorno dos espiões (vv. 20f-26), introduz a fala de Caleb (v. 30ab), a réplica dos espiões (v. 31ab) e o que disseram da terra (v. 32ab). Moisés só fala uma vez, a fim de orientar o que deve ser feito na expedição sobre o território (vv. 17c-20e). Os espiões falam e atestam que cumpriram as orientações dadas para a missão (vv. 27-29). Caleb também tem uma fala (v. 30cde), que, pelo conteúdo, dá a entender que o relatório dos demais causou um impacto negativo no povo. Enfim, a fala de Caleb é rebatida pelos demais espiões (v. 31cde), que endossam a posição assumida e usam, como critérios, o que a terra pode fazer, engolir; e que nela habitam os gigantes (vv. 32d-33).

Sob essa lógica, percebe-se que o assunto geral de Nm 13 é o reconhecimento de Canaã para pôr à prova a liderança de Moisés e sua submissão a YHWH. Seguem desdobramentos. Segundo YHWH, a expedição será feita em função do dom da terra de Canaã para os filhos de Israel. Segundo os espiões, em função da conquista. Caleb, porém, alinha-se com o que disse YHWH ao falar “herdaremos” (v. 30).

vv. 1-16: A ordem da expedição partiu de YHWH e revela estratégia militar, próxima da sondagem que se fazia de um acampamento inimigo; a ordem foi dada a Moisés para que executasse a eleição, a escolha e o envio dos espiões. O dom da terra para os filhos de Israel é o que fundamenta a ordem de YHWH e está ligada ao tema das doze tribos, visto que cada uma teve o seu representante na expedição. Os escolhidos foram citados por nome e em uma ordem determinada. Sobre essa lista, chama a atenção a mudança do nome do eleito da tribo de Efraim, Oseias, a quem Moisés deu o nome de Josué (v. 16).

vv. 17-20: Moisés deu orientações específicas quanto à expedição, iniciada a partir do Negueb e se alude à subida de um monte não identificado. Parece que a terra e os povos seriam vistos do alto desse monte. Um particular foi dito sobre Hebron. Deveriam ser observados os atributos do povo que habita a região (forte ou fraco, pouco ou numeroso); a seguir, a verificação da terra (boa ou má), se nela o povo vive em cidades ou em acampamentos, se são fortificados ou não; retomam-se as características da terra (robusta ou depauperada, com ou sem árvores). A terra, então, é avaliada pelos que nela habitam e pelos frutos que produz. A qualidade da terra deveria ser comprovada pelos frutos tomados. Sobre essa recomendação, outro particular é mencionado: “os dias eram dias das primeiras uvas” (v. 20).

vv. 21-24: A terra e os habitantes foram avaliados. Nomes de locais e de povos foram citados. Nesses versículos há vários particulares inconsistentes. Roob e Emat estão na parte setentrional da Palestina. Não faz sentido, portanto, iniciar a expedição pelo Norte, salvo se a intenção fosse a de delimitar o território desde o Sul pela

referência ao “deserto de Sin”. Já Hebron está perto do Negueb, o que seria mais próximo do ponto de partida dado por Moisés (v. 17c), mas a comparação de Hebron com Zoan<sup>27</sup> do Egito, chama a atenção, bem como a etiologia de Escol, em virtude da ação dos espíões que também trouxeram romãs e figos. Os três frutos, juntos, representam a fertilidade da terra de Canaã e a fecundidade dos filhos de Israel pela quantidade das sementes que esses frutos possuem.

vv. 25-33: A expedição durou quarenta dias. Nada se diz sobre como os espíões viveram durante esse tempo em Canaã. Moisés, Aarão e a assembleia dos filhos de Israel são os destinatários do relatório feito pelos espíões sobre o que viram e sobre os frutos da terra que foram apresentados. No lugar do encontro acontecer no deserto de Sin (v. 21), se deu no deserto de Farã, rumo a Cades. Se os frutos trazidos confirmam a boa qualidade da terra, os povos que nela habitam, segundo os espíões, a desqualificam para ser conquistada.

Pode-se pensar que, graças aos bons frutos de Canaã, os povos são fortes e as cidades são grandes e fortificadas. Negueb, montes e planícies estão habitados, mas o maior obstáculo são “os filhos de Enac”. O poderio demográfico de Canaã parece que levantou a aversão do povo contra Moisés e a sua liderança. Caleb interveio, mas foi rebatido pelo mesmo critério e novos argumentos para fazer o povo desistir de entrar e de conquistar a terra que, de fértil, passou a devoradora de homens. A fala termina com nova comparação: os filhos de Enac são nefilim (gigantes) e os filhos de Israel são gafanhotos<sup>28</sup> diante deles.

A partir dessas considerações, pergunta-se: Quais seriam as razões da narrativa?

A primeira razão, pela lógica de Nm 13 em relação à saída do Sinai (Nm 10,11), é concretizar o motivo do recenseamento que abriu o livro de Números. YHWH ordenou a Moisés que contasse os homens aptos para a guerra com vinte anos para cima de todas as doze tribos (Nm 1,2-4). Pela narrativa, inclusive, YHWH indicou o nome de doze homens que deveriam auxiliar Moisés e Aarão na realização do recenseamento (Nm 1,5-15). A intenção é a formação de um exército em função da conquista de Canaã. O contingente contado foi de “seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta” homens aptos para a guerra. Este número hiperbólico permite, inclusive, justificar a metáfora usada pelos espíões: “éramos como gafanhotos” (Nm 13,33). Apesar do numeroso exército, os filhos de Israel se consideraram inaptos para enfrentar e derrotar os povos de Canaã, em particular os nefilim, filhos de Enac.

---

<sup>27</sup> Sl 78,12.43; Is 19,11.13; 30,4; Ez 30,14.

<sup>28</sup> Vale lembrar que, na fala de Balac aos anciãos de Madiã (Nm 22,2-24,25), os filhos de Israel foram descritos como numerosos e devoradores, como “um boi devora a erva do campo” (Nm 22,4). Para uma compreensão da nomenclatura diversificada sobre os gafanhotos e a aplicação da mesma nos textos bíblicos, veja-se GRENZER, M.; FERNANDES, L. A. Gafanhotos na Bíblia Hebraica, p. 115-130.

A segunda razão é concluir a segunda etapa da marcha, do deserto do Sinai até as fronteiras de Canaã, guiados pela Nuvem que se deteve no deserto de Farã (Nm 10,11-12; 12,16). Nesse sentido, seria possível realizar um “salto” de Nm 1,47 para Nm 10,11, pois Nm 1,48–10,10 contém prescrições que dizem respeito ao acampamento, aos levitas e ao culto.<sup>29</sup>

Como em Ex 15,22–18,27, as murmurações reapareceram: comida (Nm 11,4-35) e litígios, mas, dessa vez, familiares também murmuraram contra Moisés e sua liderança (Nm 12,1-15). Por causa disso, a marcha que deveria demorar três dias (Nm 10,33), levou mais tempo, pois Mirian ficou leprosa, impedindo que o povo pudesse continuar a caminhada (Nm 12,14-15, Lv 13,4-6).

A terceira razão é intensificar a murmuração, a fim de evidenciar que a revolta atingiu um clímax contra YHWH e a sua vontade, quando se voltaram contra Moisés. É preciso perceber que nada se diz, em Nm 13, sobre a posição de Josué, filho de Nun da tribo de Efraim, em relação à possibilidade de conquista. Pela narrativa, seria possível até cogitar que a “omissão” de Josué, como protagonista ao lado de Caleb, o colocaria do lado dos que negaram a possibilidade da conquista. A menção favorável a Josué só ocorre em Nm 14,6.30.38 e sem que tenha se manifestado de viva voz. Em Nm 14,6 atesta-se que Josué, junto com Caleb, rasgou as vestes em sinal de protesto. Com isso, justifica-se o protagonismo de Caleb, a fim de enfatizar o protagonismo da tribo de Judá (Jz 1,1-20).

A quarta razão vem das notícias intercaladas na narrativa: a) O local do envio; b) A mudança do nome de Oseias para Josué (Nm 13,16c); c) A informação sobre o período das primeiras uvas (Nm 13,20g); d) O significado de Escol (Nm 13,23-24); e) A importância de Hebron em relação a Zoan do Egito (Nm 13,22d); f) A menção aos nefilim, os filhos de Enac (Nm 13,22ac.33a), evocando Gn 6,4. Vale a pena verificar o sentido dessas notícias, pois ajuda a compreender as demais razões.

## 6. Singularidades textuais

### *a) O local do envio*

Em Nm 13,2 afirma-se que Moisés enviou os espiões a partir do deserto de Farã, local da primeira parada dos filhos de Israel após retomarem a marcha pelo deserto rumo a Canaã. A nuvem atestava a presença de YHWH, pastor do seu povo (Nm 10,12).

---

<sup>29</sup> Sobre a redação final, apesar das tensões literárias, Nm 1,1–10,10 tem ligações com o contexto do Sinai (Ex 19,1–Nm 10,10). Atribuir ou não partes de Nm 1,1–10,10 à corrente sacerdotal é questão debatida (CARDELLINI, I., Numeri 1,1–10,10, p. 44).

Pelo relato, foram três dias de marcha, após a saída do Sinai (Nm 10,11) até chegar ao deserto de Farã (Nm 10,33-34).

Nesse ínterim, a narrativa alude às murmurações do povo ao lado de uma lamentação de Moisés, de modo que outros locais foram indicados.<sup>30</sup> Sem alguma explicação, o narrador afirma que YHWH enviou um fogo que devorou a extremidade do acampamento. Tal fato deu origem ao nome do local (etiologia), que se chamou Tabera (Nm 11,1-3).<sup>31</sup>

Na sequência, o povo murmurou, porque queria comer carne e lembrou do que tinha no Egito. O pior de tudo foi desprezar o maná dado por YHWH, que, inclusive, recebeu explicação sobre a que seria semelhante (Nm 11,4-9). Do lamento do povo se passou ao lamento do líder Moisés, porque se viu incapaz de atender a tais necessidades e pediu a morte a YHWH (Nm 11,10-15).

A solução dada por YHWH atendeu tanto ao lamento de Moisés, pois lhe deu setenta anciãos como auxiliares (Nm 11,16-17.24c-30), como ao lamento do povo, pois lhe deu carne em abundância (Nm 11,18-24b.31-33). Nos dois casos houve a ação do espírito/vento, em hebraico רוח, sobre os anciãos constituídos (Nm 11,17.25-26.29)<sup>32</sup> e para trazer as codornizes do mar para o acampamento dos filhos de Israel (Nm 11,31).

Devido a esses fatos, nova etiologia surgiu para explicar o nome Cibrot-ataava, lugar em que foram sepultados os que se deixaram levar pela gula (Nm 11,34). A este ponto do percurso, narra-se que de Cibrot-ataava o povo partiu para Haserot (Nm 11,35). Neste local, houve a murmuração dos irmãos de Moisés (Mirian e Aarão), devido à mulher cushita de Moisés, que ocasionou a lepra sobre Mirian, mas também

---

<sup>30</sup> Parte do conteúdo narrado em Nm 10,11–14,45 está ambientado no deserto de Farã e tem pontos em comum com Ex 15,22–18,27, colocado antes da chegada ao deserto do Sinai, depois de três meses da saída do Egito (Ex 19,1). Na primeira etapa, algumas dificuldades ocasionaram murmurações: sede, fome, inimigos e litígios. A percepção e o conselho de Jetro foram seguidos por Moisés (FERNANDES, L. A.; GRENZER, M., Êxodo 15,22–18,27, p. 182-185). Tais murmurações poderiam ser atenuadas, pois os libertos ainda não tinham feito experiência de YHWH e aceito as condições da aliança (Ex 19,8). Por isso, surpreende que, ao deixar o Sinai, como povo da aliança, recenseado e bem organizado (Nm 1,1–10,10), as murmurações não só recommencaram, mas ganharam intensidade. Por isso, em todos os casos, segue-se uma punição, um perdão de YHWH e novas infidelidades. Nota-se que a santidade desejada por YHWH para o povo (Lv 19,2) está longe de acontecer. Subjaz a tudo isso, porém, a ocasião para evidenciar a identidade e a missão de Moisés (VARO, F. Números, p. 99; NOWELL, I. Numbers, p. 49).

<sup>31</sup> O local Tabera (תַּבְּרָה) é citado em Nm 13,3 e Dt 9,22, nome que deriva da raiz verbal בער e significa “queimar” ou “arder” (Ex 3,2; Dt 4,11; 5,23; 9,15; 1Rs 22,47; 2Rs 22,34; Is 4,4; 30,27; 40,16; Os 7,6; MI 3,19), mas, dessa raiz, também se forma o adjetivo “estúpido”, “insensato” (בער: SI 73,22; 92,7; Pr 12,1; 30,2). No livro de Números, Balaão é filho de B<sup>e</sup>or (“filho do insensato”), nome que advém da mesma raiz בער (Nm 24,3.15).

<sup>32</sup> Sobre a identidade e o papel do Espírito de YHWH na formação do grupo profético para auxiliar Moisés, veja-se ANDRADE, C. A. M. A rûah YHWH.

serviu para oferecer uma definição de Moisés e evidenciar o seu papel como intercessor (Nm 12,1-15). Enfim, de Haserot o povo chegou e acampou no deserto de Farã (Nm 12,36).

Todavia, de acordo com Nm 10,12.33-34, o povo já estava no deserto de Farã. Talvez, por isso, Nm 13,26 introduziu uma nota de precisão: “ao deserto de Farã, rumo a Cades”. É a primeira vez que Cades, como local, aparece citado no livro de Números.<sup>33</sup> Cades aludiria a um santuário localizado em um oásis no deserto, a 75 km ao sul/sudoeste de Bersabeia.

Em Gn 2,3, Deus santificou (שָׁבַת) o dia de sábado. Ação exigida do povo em Dt 5,12. Cades aparece associado a episódios da tradição abraâmica. Gn 14,7 alude a ‘*ên mišpāṭ*’ (“olho/fonte do juízo”), que é Cades, por ocasião da libertação de Ló e sua família; Gn 16,14 alude ao local no episódio da fuga de Agar; Gn 20,1 fala de Cades por ocasião da peregrinação de Abraão e Sara para *Gerar*.

Na Tôrâ, o maior número de citações sobre Cades está no livro de Números (20,1.14.16.22; 33,36-37); também está citado em Dt 1,46; Js 10,41; 14,6-7; Jz 4,9-10; 11,16. Já em Nm 27,14 aparece como Meriba de Cades e em Nm 32,8 como Cades Barne. Então, em Nm 10,11–12,16 encontra-se o percurso do deserto do Sinai a Cades Barne e em Nm 20,1–22,1 o percurso de Cades Barne até as estepes de Moab.<sup>34</sup> Sobre esse

---

<sup>33</sup> A raiz שָׁבַת permite associar Cades a sagrado (*qōdēš* em Ex 3,5; Nm 6,5), a santuário (*miqdāš* em Ex 15,17; Nm 19,20) e à escrava de um santuário ou prostituta sagrada (*qedēšā* em Gn 38,21-22; Dt 23,17). No início do século XX, foram feitas escavações na região, hoje aceita como a moderna *Ain el-Qudeirat* ao norte da península do Sinai, e vieram à luz algumas fortificações da Idade do Ferro: uma pequena estrutura elíptica, datada do século X a.C., uma fortificação do século VIII a.C., mas que foi destruída no século seguinte. Também foram encontrados dois ostracos com inscrições paleohebraicas, dando a entender que os filhos de Israel teriam passado pelo local. No tempo de Josias, outra fortificação foi erguida, mas foi destruída pelos babilônios por ocasião da queda de Jerusalém em 586 a.C. Chamou a atenção dos arqueólogos o fato de não terem encontrado restos de cerâmica do período do bronze tardio (1300 a.C.) ou do início do Ferro I (1200 a.C.). Tal fato gerou as dúvidas sobre as narrativas do livro de Números, pois coincidiria com essa época. Contudo, vale lembrar que a ausência de evidências não é evidência de ausência. Cades é “o principal oásis do norte do Sinai” (VARO, F. Números, p. 116).

<sup>34</sup> A pesquisa histórica sobre o caminho percorrido pelos filhos de Israel durante o tempo do deserto, do Egito até Canaã, esbarra em incertezas, o que torna a rota e o tempo muito complexos, com várias perspectivas e vertentes. Se há um ponto, que possa ser visto como consenso entre os exegetas, é que esse caminho, como narrado na Tôrâ, é uma confluência de tradições amalgamadas. Os séculos VI-V a.C. e seus principais acontecimentos (conquista de Judá-Jerusalém, exílio para Babilônia, destruição da Cidade Santa, edito de libertação, retorno e reconstrução) ofereceriam as bases para a reflexão da toponomástica das narrativas sobre o tempo do deserto e o percurso do Egito até Canaã. Este foi reinterpretado pelo tempo, acontecimentos e andanças de Judá para Babilônia e vice-versa. É preciso considerar ainda as tradições relativas à conquista, destruição de Samaria em 721 a.C. pelos assírios e o exílio de boa parte do Israel norte, permutada por povos mesopotâmicos como aparece narrado em 2Rs 17. “A tradição da caminhada do Êxodo é, portanto, uma narrativa multicamada. Ela foi transmitida oralmente e, posteriormente, colocada por escrito no Norte. Ela foi então levada para o Reino do Sul, acumulou níveis, cresceu em volume e detalhe, e foi transformada e redigida uma e outra vez em Judá e Yehud ao longo de um período de muitos séculos em função das mudanças políticas e realidades históricas” (FINKELSTEIN, I., O Reino esquecido, p. 181-182).

percurso, surge uma questão: Se em Cades havia uma fonte, por que Moisés recebeu de YHWH, tanto na primeira etapa (Ex 17,1-7), como na segunda da marcha pelo deserto (Nm 20,1-13), a ordem de fazer brotar água da rocha? A resposta, por certo, ultrapassa os limites pretendidos nesse artigo.

Entre esses percursos, estão os fatos sobre a expedição a Canaã e as consequências devido à insubordinação do povo (Nm 13,1-14,45),<sup>35</sup> e uma longa sessão, contendo leis culturais e rituais sobre as oblações, as primícias e as expiações. Tudo isto serve para ambientar a revolta de Coré, Datã e Abiram, a fim de introduzir uma ação obediencial de Eleazar, filho e futuro sucessor de Aarão que, à diferença de seus dois irmãos, ofereceu o incenso como havia ordenado YHWH (Nm 17,1-5). Assim, se fundamenta a eleição de Aarão, como sumo-sacerdote, e o papel do ritual da água lustral obtida com as cinzas de uma novilha vermelha (Nm 15,1-19,22).

#### *b) A mudança do nome de um dos comissionados*

No final de Nm 13,16 encontra-se um particular. O narrador informa que Moisés mudou o nome do “filho de Nun”, representante da tribo de Efraim, de Oseias (אֲשֵׁיָהוּ), cujo significado é: “aquele salva”, para Josué (יְהוֹשֻׁעַ), que significa: “YHWH salva” ou “YHWH é salvação”.<sup>36</sup> A mudança do nome de uma pessoa prevê a missão particular ou, às vezes, serve para conferir a alguém uma nova identidade.<sup>37</sup> Essa ação atesta a autoridade de Moisés sobre quem, dentro da lógica da Tôrâ, foi escolhido como seu sucessor (Nm 27,18,22; Dt 1,38; 3,28; 31,3.7.23; 34,9). Não obstante isso, o nome

---

<sup>35</sup> Nm 13-14 poderia ser a parte central de uma estrutura simétrica do bloco Nm 10,11-21,20. A proposta é de SCHAT, A. *Mose und Israel im Konflikt*, p. 136: A: 10,11-28; B: Nm 10,35-36; C: Nm 11,1-3; D: Nm 11,4-35; E: Nm 12; F: Nm 13-14; E': Nm 16-17; D': Nm 20,1-21; C': Nm 21,4-9; B': Nm 21,17-18; A': Nm 21,10-20.

<sup>36</sup> “Há uma razão para a mudança. Os dois nomes, Oseias e Josué, vêm da mesma raiz hebraica *yš'*, que, no grau verbal *nifal* (ação reflexiva ou passiva), significa ‘ser liberto, ser salvo, ser vitorioso’, e, no grau *hifil* (ação causativa), significa ‘causar libertação, salvar, conceder vitória’. Na mudança, Moisés deslocou o sentido da ação, ao passar de Oseias (*hōšē'a*), forma causativa, para Josué (em hebraico *yēšua'* ou *y<sup>e</sup>hōšua'*, forma mais longa), transformando Oseias em um nome teofórico, pois recebeu as iniciais do Tetragrama Sagrado (YHWH), passando a significar ‘o Senhor é salvação’ ou ‘o Senhor salva’ (Js 1,1.9.10).” (DIAS, E. C.; FERNANDES, L. A. *O cerco de Jericó*, p. 21).

<sup>37</sup> Mudar o nome é comum na Sagrada Escritura. Do ponto de vista da narrativa, evoca-se a ação de Adão que deu nome aos animais (Gn 2,19-20) e, depois do seu vislumbre, à sua consorte (Gn 2,23). Deus mudou o nome de Abrão para Abraão (Gn 17,5), de Sarai para Sara (Gn 17,15); de Jacó para Israel (Gn 35,10); Jedeão foi renomeado de Jerubaal (Jz 6,32). No Novo Testamento, Jesus chamou Simão de Pedro, em função da sua futura missão (Mt 16,17-18; Mc 3,16; Jo 1,42). O nome próprio é fonte de todas as qualidades de uma pessoa e de mudanças possíveis que revelam novos hábitos e traços (SKA, J.-. “I nostri padri ci hanno raccontato”, p. 138).



Oseias foi usado em Dt 32,44. Nas traduções deste versículo, seguindo as versões, comumente é modificado para Josué.<sup>38</sup>

Dentro de Nm 13, a notícia sobre a mudança do nome de Oseias para Josué (v. 16) parece funcionar como uma prolepse que justificaria a razão para o líder da tribo de Efraim não aparecer reforçando a posição enfática de Caleb, representante da tribo de Judá, diante dos homens-chefes que fizeram o relatório diante de Moisés, de Aarão e de toda a assembleia (v. 30). Tal referência a Josué, sobre essa perspectiva, apenas foi mencionada em Nm 14,6.30.38. Pela notícia da mudança do nome, se procurou evitar que Josué fosse colocado do lado dos que se opuseram à conquista de Canaã (v. 28.31-33), visto que está dito de forma geral: “Mas, os homens, que subiram com ele, disseram: Não podemos obter, ao subir contra o povo, porque ele é mais forte do que nós” (v. 31).

### c) O tempo das primícias da uva

No que diz respeito às recomendações-critérios de Moisés, sobre a percepção do território a ser explorado, o narrador forneceu, no final de Nm 13,20, um particular: “Os dias eram dias das primeiras uvas”. Essa notícia permite dizer que a expedição teria ocorrido, segundo o calendário lunar, pensado na agricultura, no mês de *ab* (julho-agosto), que, por sua vez, também é o tempo em que amadurecem as frutas do verão: uvas<sup>39</sup>, romãs e figos (Nm 13,23).

Tal informação permite que se entenda a preocupação com a sobrevivência do povo na terra de Canaã. Os frutos trazidos foram a prova não só da boa qualidade da terra, mas de que seria capaz de torná-los ainda mais numerosos e robustos como a boa

---

<sup>38</sup> O aparato crítico da BHS (HEMPEL, J. *Librum Deuteronomii*, p. 348) não levantou a questão. Já o fascículo 5 sobre o livro de Deuterônomo da Bíblia Hebraica Quinta, apresenta o problema, aludindo que o *Targum Onquelos*, o *Targum do Pseudo-Jônatas* e fragmentos do *Targum do Pentateuco* apoiam o TM<sup>L</sup> e trazem  $\text{וְיֵשׁוּעַ}$ . Em contrapartida, devido ao critério de harmonização, o Pentateuco *Samaritano*, a *Peshitta* e o *Targum Neofiti* mudaram para  $\text{וְיֵהוֹשֻׁעַ}$ . Apesar disso, não houve discussão no comentário sobre os problemas (McCARTHY, C. *Deuteronomy*, p. 98; 154). O fato da *Septuaginta* e da *Vulgata* mudarem para Josué também visa harmonização e para estar em conformidade com Dt 31,3.7.14.23.

<sup>39</sup> “Na Mesopotâmia antiga, a videira era como que identificada com a ‘erva da vida’; o sinal para dizer ‘vida’ na escrita suméria era originalmente uma folha de videira. [...] A vinha e a plantação de uvas eram imagem bíblica para dizer o povo eleito: ‘Pois bem, a vinha do Senhor dos Exércitos é a casa de Israel, e os homens de Judá são a sua plantação preciosa’ (Is 5,7). [...] A vinha é sinal que comprova o amor de Deus que une o céu e a terra. Cresceu muito a videira que um dia foi desenraizada do Egito e replantada pelo divino vinhateiro. [...] O grande cacho de uva trazido pelos exploradores enviados a Canaã – levado ‘por dois homens sobre uma vara’ (Nm 13,23) – é imagem para a plenitude da terra prometida e para a riqueza da promessa divina” (LURKER, M., *Dicionário de figuras e símbolos bíblicos*, p. 261).

terra de Canaã, pois tais frutos eram símbolos de sua fertilidade, devido à quantidade de sementes<sup>40</sup> que possuem.

Se no Egito, vivendo tanto tempo como estrangeiros, os filhos de Israel foram capazes de se multiplicar, a grande esperança é de que, estando na terra prometida, a fecundidade do solo, dos animais e do povo sejam os sinais da bênção (*šālôm*).<sup>41</sup> Chama a atenção o fato de os homens-chefes não terem feito alguma referência à oliveira, essencial para a dieta mediterrânea e símbolo de Israel (Gn 8,11).<sup>42</sup>

A informação do final de Nm 13,20 poderia ser admitida em função das celebrações e festas, previstas na legislação, como em Nm 28,1–30,16, sobre a ordem cultural na terra de Canaã.<sup>43</sup> Se está bem depois do mês de *abib-nisan* (março-abril: respectivamente, mês de *abib*, “espigas”, e, mais tarde, no calendário babilônico do mês de *nisan*, como em Ex 34,18; Nm 9,1-2; 28,16; Dt 16,1), quando se recolhe o trigo para a celebração dos pães ázimos e se separa o cordeiro sem defeito para a imolação pascal na véspera do dia 14 de *nisan* (Ex 12,1-2; Lv 23,11; Nm 28,29; Ez 45,21).

Enquanto *abib-nisan* marca o início do calendário litúrgico, o mês de *ab* estaria, conforme a Lv 16,29-30; 23,23-25, próximo do início do calendário “civil”, que ocorre no mês de *tišrî* (setembro-outubro). Entre o primeiro e o décimo dia do novo ano se faz *têšûbâ*, isto é, a busca do perdão de Deus e da reconciliação com o próximo, a fim de

---

<sup>40</sup> “Os frutos da figueira, natural do mar Mediterrâneo, constituíam na Antiguidade meio alimentício importante, razão por que se consideravam símbolo da fertilidade” (LURKER, M., Dicionário de figuras, p. 101). “Por causa da riqueza de sementes que produz e da cor vermelha brilhante de seu fruto, a romãzeira e a romã se consideravam símbolo da plenitude da vida. Com frequência é encontrada também como atributo de deuses da vegetação da Ásia Menor (como Baal e Adônis) e de deusas mediterrâneas da fertilidade (Afrodite). [...] Para os israelitas as romãs eram sinal de bênção abundante que procedia da aliança com Deus” (LURKER, M., Dicionário de figuras, p. 212).

<sup>41</sup> A primeira expressão da vontade de Deus criador para os seres vivos (Gn 1,22), em particular para o ser humano, criado à sua imagem e semelhança (Gn 1,26), deu-se na ordem de ser fecundo, de povoar e de cuidar da terra como seu senhor (Gn 1,28). Esta ordem foi reafirmada após o dilúvio para Noé e seus filhos (Gn 9,1). A concretização dessa ordem tornou-se o principal motivo para que o novo rei, que subiu ao trono e que não conheceu José, tomasse a decisão de oprimir os filhos de Israel, visto que se tornaram muito numerosos (Ex 1,1-7). O rei do Egito temeu que os filhos de Israel pudessem se unir aos inimigos, se houvesse uma guerra, e subissem da terra (Ex 1,8-10). Previu o “êxodo” como resultado de uma possível vitória bélica. O livro, contudo, mostrará que o êxodo se deu tanto por fuga (Ex 14,5), como por expulsão (Ex 11,8; 12,31-33). Houve vitória, mas foi de YHWH, da sua decisão salvífica sobre a obstinação do faraó e seu numeroso exército que se afogou no Mar dos Juncos (Ex 14,1–15,21).

<sup>42</sup> A oliveira na Tôrâ é citada apenas dez vezes e não há alguma citação no livro de Números (Gn 8,11; Ex 23,11; 27,20; 30,24; Lv 24,2; Dt 6,11; 8,8; 24,20; 28,40<sup>2x</sup>). “Ao contrário de outras árvores, a oliveira, uma das mais antigas plantas cultivadas, é modesta e humilde na terra [...] Não era somente sinal de que a terra dava vida novamente de seu seio, mas também (e principalmente) que Deus dava paz e bênção aos homens” (LURKER, M. Dicionário de figuras, p. 167).

<sup>43</sup> São evidentes os paralelos com os livros de Êxodo (12,1; 23,14.16; 29,38-46), Levítico (16; 23; 27,1-25); Deuteronômio (16,9-12; 23,22-24) e Ezequiel (45,21-24; 46,4-7.13-15).

que o novo ano seja próspero em todos os sentidos.<sup>44</sup> Segue-se ao dia das expiações (*yôm hakkipurim*), entre os dias 15-23 do mês de *tišrî*, a festa das tendas (Lv 23,40-43; Nm 29,12-39; Dt 16,13-15; Ez 45,25), que lembra, além do tempo do deserto, o particular dom da aliança do Sinai. Nessa festa se prevê a leitura da Tôrà (Dt 31,10; Ne 8,13-18).

Se essa precisão temporal for considerada, a experiência negativa, que se instaurou após o relato dos comissionados e a oposição a estes por parte de Caleb, atesta que a *éšûbâ*, presente na declaração sobre quem é YHWH e como age, que se encontra em Ex 34,5b-7, não foi devidamente assimilada. No lugar da murmuração e da revolta, deveria ter acontecido o arrependimento em função dos desígnios de YHWH e de suas promessas. Mas, ao contrário, houve a tentativa de reversão da pena decretada como narrado em Nm 14,39-45 e que resultou em derrota bélica para os amalecitas e os cananeus.

#### d) A fundação de Hebron

Por que, no texto, se encontra a afirmação de que “Hebron tinha sido edificada sete anos na frente de Zoan do Egito” (Nm 13,22)? A precedência de Hebron em relação a Zoan, sem dúvida, não foi feita apenas para conferir antiguidade, mas para evocar a importância de Hebron na história dos filhos de Israel. Elemento singular aparece logo na indicação temporal: “sete anos”. Por certo, o uso do número sete não foi casual, mas proposital, a fim de indicar plenitude.

O patriarca Abraão armou as suas tendas em Hebron (Gn 13,18), local onde Sara morreu e foi sepultada (Gn 23,2.19), onde Jacó sepultou o seu pai Isaac (Gn 35,27), onde foi o ponto de partida de José para o Egito (Gn 37,14); nesta terra sofreu, mas muito progrediu (Gn 37,12-36; 39,1-41,57), levando para o Egito seu pai Jacó para Gosen, juntamente com os seus irmãos, após se revelar a eles (Gn 45,1-48,22). Por sua vez, Jacó, antes de morrer, deu ordens para que fosse sepultado em Hebron, junto com Lia e sua mãe Rebeca (Gn 49,29-50,14).

Na perspectiva do que adviria com a monarquia, Hebron tornou-se o local dos primeiros sete anos do reinado de Davi (2Sm 5,1-5), antes de conquistar a cidade dos jebuseus, citados em Nm 13,29 após os hititas. Davi, como Caleb, descende de Judá e

---

<sup>44</sup> “... no sentido temporal alude às ‘estações que se repetem a cada ano’; no sentido moral, traduz-se por ‘conversão’, indicando uma alteração de conduta ou comportamento condizente com a verdade, o bem e a justiça. [...] A *teshuvà*, no sentido moral, é a atitude particular que se espera de quem ouviu e aderiu ao chamado de Deus. No fiel, a *teshuvà* torna-se um estilo de vida cotidiano de busca da santidade, contendo ainda uma exigência, que poderíamos denominar missionária: ir ao encontro dos que se encontram afastados de Deus para lhes comunicar o divino plano da salvação, com um forte chamado ao arrependimento e à conversão” (FERNANDES, L. A., Jonas, p. 35).

fez de Jerusalém a capital, a fim de unificar as tribos (2Sm 5,6-10). Então, o dado temporal do reinado de Davi em Hebron, sete anos, também não é casual.

Na união desses pontos, pode-se entrever a importância de Hebron ter sido enaltecido em relação a Zoan, que foi uma das capitais do Baixo Egito e situava-se a nordeste do delta do Nilo. A citação dessa localidade tem a ver com o período em que os hicsus governaram o Egito (1760–1560 aC), e não estava longe do território de Gosen, onde os descendentes de Jacó ocuparam ao migrar (Gn 47,1-12), mas também tem a ver com os conflitos políticos que ocorreram no século VIII a.C. (Is 30,4; Sl 78,12).<sup>45</sup>

Na perspectiva da Tôrâ, apesar de Hebron ser uma cidadela simples situada a 40 km ao Sul de Jerusalém, ligada ao patriarca Abraão e aos primeiros sete anos do reinado de Davi, nunca foi alvo de conquistas inimigas e, por conseguinte, nunca sofreu uma destruição natural ou bélica. Jerusalém, ao contrário, foi cercada pelos assírios, mas não caiu, pela narrativa, devido a uma intervenção divina (2Rs 18,13–19,37); mais tarde, porém, foi cercada e totalmente destruída pelos babilônios (2Rs 25,1-21).<sup>46</sup>

Citar Hebron sete anos na frente de Zoan era declarar a sua importância em função do que ainda seria narrado. Hebron era uma localidade “intocada” e que se ligava tanto às tradições patriarcais como aos inícios da monarquia davídica. Como dito acima, a referência aos sete anos pode ser um critério para associar a fundação da cidade à nova modalidade de governo dos filhos de Israel. Assim, Hebron tornou-se um local estratégico tanto para o patriarca Abraão como para o futuro monarca Davi.

#### *e) O vale de Escol*

Sabe-se que a geografia de Canã é bem diversificada. De Dã, ao Norte, a Bersabeia, ao Sul, são cerca de 250 km de extensão. Do Mar Mediterrâneo ao rio Jordão são cerca de 80 km de largura. A oeste, o território é banhado pelo Mar Mediterrâneo, a leste, considerando a Transjordânia, faz fronteira com o deserto arábico e o território, de Norte a Sul, é praticamente cortado pelo rio Jordão. Do lado da Cisjordânia, se passa das vastas planícies do Norte, ao longo e entre as colinas que costeiam o lago da Galileia, aos tórridos vales do Jordão; das austeras e rochosas alturas da Samaria aos cumes cultivados

---

<sup>45</sup> Zoan é Tânis que também ficou conhecida como Sa el-Hagar. A cidade e a deusa Neith são conhecidas desde os primórdios da história do Egito. Chegou a ser a capital, mas, politicamente, tornou-se proeminente no final do século VIII a.C., quando Thefnakhte e Bocahoris (24ª dinastia) entraram em conflito com a 25ª dinastia, proveniente da Núbia. Durante a 26ª dinastia foi, novamente, a capital do país, com templos, palácios e sepulturas dos faraós da dinastia saíta. Deve-se lembrar que segundo 1Rs 3,1, Salomão desposou a filha do faraó do Egito. É provável que esse faraó fosse Psusennes II, terceiro e último da 21ª dinastia, cuja capital foi Tânis.

<sup>46</sup> Argumento usado a favor de Hebron, a fim de fundamentar a escolha de Abraão como o primeiro antepassado dos filhos de Israel (SKA, J.-L. O Antigo Testamento, p. 36-37).

da Judeia, até se chegar ao “inóspito” e silencioso deserto, local da maior fossa tectônica do planeta, o Mar Morto, com cerca de 400 metros abaixo do Mar Mediterrâneo.<sup>47</sup>

Na Bíblia hebraica, Escol (אֶשְׁכּוֹל/אֶשְׁכּוֹל) é usado como nome próprio (Gn 14,13,24; Ct 1,14), como verbo (Gn 27,45), mas predomina o sentido de “cacho de uvas” em sentido real (Gn 40,10; Nm 13,23-24; 32,9; Dt 1,24), ou figurado (Dt 32,32; Ct 7,8-9; Is 65,8; Mq 7,1).<sup>48</sup>

Nm 13,23-24 menciona Escol quatro vezes e tem a ver com a referência temporal indicada no v. 20 sobre as primícias das uvas. Ao lado da cevada, do trigo e do azeite (Nm 18,12; Dt 28,51), as uvas proporcionavam bebida e alimento, podendo ser comidas frescas ou secas. A maior quantidade, porém, era utilizada para fabricar vinho.

Nesse sentido, a menção ao “vale de Escol”, além de empregado em sentido etiológico, permite entrever que nas proximidades de Hebron vinhas eram cultivadas. A boa produção de uva estava ligada a um terreno alcalino e próximo a uma área montanhosa. Durante o inverno, a vinha é favorecida pela água, mas, para as uvas amadurecerem e ficarem doces, precisam do calor do verão. Foi nesta estação que os homens-chefes examinaram Canaã durante quarenta dias.

Segundo a lógica de Nm 13, os filhos de Enac estariam habitando Hebron e seriam, por conseguinte, os donos das vinhas cultivadas no “vale de Escol”. Note-se a relação entre o grande cacho de uvas carregado por dois homens (v. 23) e os filhos de Enac, considerados gigantes (vv. 22.28.33). A vitória sobre os filhos de Enac se deu, nada mais nada menos, pela ação de Caleb, razão pela qual Josué, agindo conforme a ordem de YHWH, lhe entregou Hebron como propriedade (Js 15,13-14; 21,11; Jz 1,20).

#### f) *Os gerados de Enac*

Os filhos de Enac foram considerados uma raça colossal, que poderia ser uma alusão ao longo pescoço e aos largos ombros. Gn 6,4 fala dos nefilim, uma possível

---

<sup>47</sup> “A planície costeira tem abundantes fontes de água e solos férteis; as colinas das terras baixas são adequadas para vinhas e oliveiras. As montanhas centrais eram cobertas de florestas antigas, e alguns dos amplos vales que se cruzam de leste a oeste estão entre as partes mais férteis do país. Mas, para essa ‘terra rica’, há a ‘pobre’: o Negev, o deserto da Judeia e partes do vale do Jordão” (PLAUT, W. G., *Comentários a Números*, p. 977). Não há como negar o quanto a geografia de Canaã exerceu o seu influxo na vida, elaboração e reflexão dos autores sobre os fatos que narraram nos textos bíblicos (ALEXANDER, D.; ALEXANDER P., *O mundo da Bíblia*, p. 17-21; PEETZ, M. *O Israel bíblico*, p. 38-43).

<sup>48</sup> Talvez a forma do cacho de uvas tenha inspirado algumas representações de Astarte (1Rs 14,23; 15,13; 18,19; 2Cro 15,16); Ashoret/Asherá (אֶשְׁרֵת/עֶשְׂתֵּרֶת), a deusa consorte de Baal, segurando os seios ou até com muitos seios (Jz 2,13; 1Sm 31,10; 1Rs 11,5.33; 2Rs 23,13). Juntos, eram invocados pelos cananeus, Astarte era cultuada, em particular pelos Fenícios, para obter a fecundidade humana, dos animais e do solo. Em época greco-romana, a deusa foi sendo identificada com Afrodite e Vênus. Também Ártemis/Diana, deusa principal de Éfeso (At 19,23-40), foi representada com vários seios. Isso dava a essas divindades a característica de deusa-mãe providente (LIPÍŃSKI, É., *Astarte*, p. 191-192).

referência mítica aos heróis da antiguidade. A etimologia do nome Enac (אֲנָחַ) é incerta, mas foi ligada à raiz נפל que significa “cair”, da qual procede nefilim. Com base nisso, desenvolveu-se o mito/lenda da “queda dos deuses/anjos”<sup>49</sup> e que foi associada a Gn 6,1-4, seguida, ao que parece, em Eclo 16,7, a fim de mostrar que a altivez soberba não resiste diante de YHWH, Deus de Israel. Subjaz a essa relação, a queda de poderosos que aparece em Is 14 para Babilônia, em Is 51 para o Egito e em Ez 28 para Tiro.

Em Dt 1,28; 2,10-11.21; 9,2; 15,14, os enacitas/anacitas são uma referência aos primeiros habitantes de Canaã. Nos tempos de Josué, eram os que habitavam Hebron (Js 11,21-22; 14,12.15; 15,13-14; 21,11). Segundo Dt 3,11, Og, rei de Basã na Transjordânia (também citado em Js 12,4; 13,12), descendia dos refaim e foi descrito como um homem de estatura excepcional e detalhes do seu leito foram dados: 4,5 metros de comprimento e 2,0 metros de altura.<sup>50</sup> Esta menção não foi feita no relato da vitória dos filhos de Israel contra Og em Nm 21,33-35. Então, a respeito dos antigos habitantes de Canaã, considerados “gigantes”, as tradições bíblicas veterotestamentárias variam quanto a designação: enacitas/anacitas, nefilim e refaim.

## Conclusão

A narrativa de Nm 13 situa-se no tempo do deserto desde a saída do Egito até os limites de Canaã. Da saída do monte Sinai, retomando a marcha, podem ser contados cerca de dez dias. Segundo as informações de Nm 10,33, pois “três dias de marcha” se somaram aos sete dias previstos da purificação de Mirian de sua lepra, segundo as informações de Nm 12,14-15.

Por ordem de YHWH, dada ao líder Moisés, Canaã deveria ser examinada em três sentidos: qualidade da terra, tipos de habitantes e as formas de organização social.

---

<sup>49</sup> O problema de tradução aparece no Sl 8,5, pois o texto hebraico traz: “dentre os deuses” (בְּתוֹכָם); já a *Septuaginta* traz: “dentre os anjos” (παρ’ ἀγγέλους). A tradução grega por anjos evitaria o politeísmo. Já a noção de “pouco abaixo” evocaria o tempo em que os progenitores teriam desfrutado de uma condição sublime antes da queda original. Com isso, admite-se uma estreita relação entre o Sl 8 e a condição humana narrada em Gn 1,26-30, como ápice das criaturas (SCHAEFER, K. *Psalmos*, p. 25). Sobre a queda angélica na literatura targúmica e apocalíptica (*IQGenAp 2*; *Iub.* 4,15; *Hen. aeth.* 6,1-8; 68-69; 86,1-6; 106,13-14; *Hen. slav.* 7; *Test. R.* 5,6; *Test. N.* 3,5; *Vit. Ad.* 12; *Apoc. Abr.* 13; *Bar. syr.* 56,10-14). Hb 2,5-18, fazendo uso da *Septuaginta*, oferece uma releitura do Sl 8,5-7 através do mistério de Jesus, enquanto Filho de Deus, acima dos anjos, e Filho do Homem, “pouco inferior aos anjos”. Maravilha e admiração subjazem à *kenosis* do Verbo Divino, pois o mistério da salvação, desejado eternamente por Deus (Ef 1,3-14), passa e acontece através da humilde condição humana assumida (Mc 1,27; 2,12; 4,41; 5,20.42; 15,39).

<sup>50</sup> “O monumento à memória do rei herói se torna, ironicamente, um testemunho eloquente do poder de YHWH sobre todos os gigantes. O leito foi qualificado, além das medidas, também com o material, o ferro: na época em que o ferro era difícil de ser obtido, um leito decorado em ferro suscitava, obviamente, uma grande maravilha” (PAPOLA, G., *Deuteronomio*, p. 68).

Desde a entrada dos espiões, que subiram pelo Negueb, até o retorno ao deserto de Farã, onde os filhos de Israel estavam acampados, toda a expedição durou quarenta dias.

No conjunto, o episódio sobre os doze homens-chefes das tribos de Israel condensa vários temas presentes em quase toda a Sagrada Escritura. Vocação e missão alinhadas com a dinâmica, promessa-cumprimento. Obediência e desobediência ficam em evidência nas reações humanas às ordens de YHWH. Tudo faz sobressair Moisés e sua posição de líder.

Evoca-se, de certa forma, o projeto divino e o desfecho desfavorável que se encontra após a segunda narrativa da criação (Gn 2,4b-25), quanto à desobediência original dos progenitores da humanidade (Gn 3,1-24). Como se deu com os progenitores no Jardim do Éden, o conhecimento de YHWH e da sua vontade, mais uma vez, não determinou o comportamento condizente do povo diante do relatório e posição dos que se opuseram à conquista de Canaã.

Com seus bons frutos, Canaã está para o Jardim do Éden e sua variedade de frutos. Como os progenitores desprezaram a ordem divina e comeram do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, os homens-chefes não só conheceram Canaã e trouxeram os seus bons frutos, mas a desprezaram como dom preparado por YHWH para Israel, seu filho primogênito (Ex 4,22), como o Jardim do Éden havia sido preparado para os primogênitos da humanidade.

As promessas contidas no livro de Gênesis, repetidas desde o início do livro de Êxodo, confluíram para o que se esperava da vocação e missão dos doze homens-chefes em Nm 13. Se os primogênitos foram expulsos do Jardim do Éden pela desobediência a YHWH, entrar e tomar posse de Canaã eram as ações esperadas pela obediência a Ele, que confirmariam as expectativas apresentadas a Moisés para que fossem alimentadas no povo, a fim de que aderisse à proposta de YHWH: o êxodo do Egito para habitar Canaã, terra que mana leite e mel (Ex 3,8.17). No lugar, porém, a geração do êxodo do Egito teve que vagar e morrer no deserto (Nm 14,20-35), fazendo lembrar da sentença dada aos progenitores ao serem expulsos do Jardim do Éden (Gn 3,17-18).

O primeiro mandamento do Decálogo devia acontecer não sobre um local, mas sobre o próprio povo liberto. Contudo, pela forma como falaram de Canaã e a intensidade com que retrucaram Caleb, os homens-chefes temeram mais os habitantes de Canaã, em particular os filhos de Enac, do que deveriam temer e amar YHWH. É irônico que a terra boa e fértil tenha se convertido na terra que devora os seus habitantes. Muito rápido se esqueceram como YHWH libertara o povo da opressão do Egito e os estava conduzindo pelo deserto.

Nesse sentido, o passado esquecido não iluminou o presente em favor do futuro promissor em Canaã. Se o faraó e o seu exército não foram páreos para YHWH, por que temer os filhos de Enac? Isto ficou evidente na fala de Josué e Caleb: “YHWH está



conosco, não os temas” (Nm 14,9), como na conseqüente vitória de Caleb atestada em Js 14,6-14, confirmando a sua postura em Nm 13,30.

Da análise de Nm 13 resulta, particularmente, as conseqüências que derivam da confiança em YHWH, contrapostas à confiança humana depositada em suas capacidades. De igual modo, ambienta-se a interação entre os temas: morte do rebelde insubordinado e esperança depositada na nova geração (Nm 14). Consta-se como a potência salvífica de YHWH exalta os humildes e rebaixa os orgulhosos e prepotentes. Foi assim com o líder Moisés (Nm 12,3). Israel aprendeu uma lição: o que foi feito ao faraó e ao seu exército, também pode acontecer com ele se ficar obstinado em sua insubordinação.

### Referências bibliográficas

ALEXANDER, D.; ALEXANDER P. **O mundo da Bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1985.

ANDRADE, C. A. M. **A rûah YHWH**: análise exegética de Nm 11,24-30 (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2020, 103p. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/50897/50897.PDF>>. Acesso em 4 out. 2023.

ARTUSO, V. A teoria documentária do Pentateuco: Aplicação e limites na análise de Nm 16–17. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, Ano XVI nº 41, maio/agos, p. 279-300, 2012. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21667/21667.PDF>>. Acesso em 4 out. 2023.

ARTUSO, V. Análise narrativa e intertextual de Nm 11,1-3 e Nm 21,4-9. In: CARNEIRO, M. da S.; OTTERMANN, M.; FIGUEIREDO, T. J. A. de (orgs.). **Pentateuco. Da formação à recepção**. São Paulo: Paulinas/ABIB, 2016, p. 135-150.

ARTUSO, V. As revoltas contra Moisés e Aarão em Nm 16-17 Uma narrativa para confirmar o sacerdócio aronita na liderança do povo. **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, Ano XI nº 27, set/dez, p. 372-399, 2007. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18400/18400.PDF>>. Acesso em 4 out. 2023.

BARBIERO, G. **Dio di misericórdia e di grazia**: La rivelazione del volto di Dio in Esodo 32–34. Casale Monferrato: Portalupi Editore, 2002.

BÍBLIA AVE MARIA edição de estudos. São Paulo: Ave Maria, 2022.

BÍBLIA DE ESTUDO (ARA) – Palavras Chaves/Hebraico-Grego. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus 2002, p. 202-256.

BIBLIA GREGA: Septuaginta. Editio Altera (RAHLFS, Alfred; HANHART, Robert – eds.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

BÍBLIA SAGRADA. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 2005.

CARDELLINI, I. **Numeri 1,1–10,10**. Milano: Paoline, 2013.

COSTA, D. G. da. **A pedagogia de YHWH e o seu povo diante da Lei. Uma análise de Dt 31,9-13**. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes Acadêmica; Editora PUC-Rio, 2022.

CRÜSEMANN, F. **A Torá: Teologia e história social da lei do Antigo Testamento**. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 2002.

DIAS, E. C.; FERNANDES, L. A. **O cerco de Jericó: Análise de Josué 2 e 6**. São Paulo: Paulinas, 2022.

FERNANDES, L. A. A base veterotestamentária da imitação de Deus em Lc 6,36-38. In: FERNANDES, L. A. (org.). **Traços da Misericórdia de Deus segundo Lucas**. São Paulo/Rio de Janeiro: Academia Cristã/Editora PUC-Rio, 2016, p. 11-49.

FERNANDES, L. A. **Jonas**. São Paulo: Paulinas, 2010.

FERNANDES, L. A. O “exegeta” e o “teólogo” diante do “escriva”: Episteme e hermenêutica no estudo dos textos bíblicos. **Teocomunicação**, Porto Alegre, v. 50, n. 2, p. 1-10, jul./dez. 2020.

FERNANDES, L. A. **O texto bíblico, a ira de Deus e os milagres de Jesus**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

FERNANDES, L. A.; GRENZER, M. **Êxodo 15,22–18,27**. São Paulo: Paulinas, 2011.

FINKELSTEIN, I. **O Reino esquecido: Arqueologia e História do Israel Norte**. São Paulo: Paulus, 2015.

GARCIA LÓPEZ, F. תּוֹרָה *tôrâ*. In: **Grande Lessico dell’Antico Testamento** (FABRY, H.-J.; RINGGREN, H. [A cura di]), volume IX. Brescia: Paideia, 2009, colunas 1030-1078.

GRENZER, M.; FERNANDES, L. A. Gafanhotos na Bíblia Hebraica: suas dimensões socioambientais e teológicas. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo, Ano XXXI - Nº 105 – Mai/Ago, p. 115-130, 2023.

HEMPERL, J. Librum Deuteronomii. In: **Biblia Hebraica Stuttgartensia** (ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm - eds.). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997, p. 281-353.

LIPÍŃSKI, É. Astarte. In: BOGAERT, P.-M.; et alii. [responsáveis científicos]. **Dicionário Enciclopédico da Bíblia**. São Paulo: Loyola; Paulinas; Paulus; Academia Cristã, 2013, p. 191-192.

LIWAK, R. תּוֹרָה *twr*. In: **Grande Lessico dell'Antico Testamento** (FABRY, H.-J.; RINGGREN, H. [A cura di]), volume IX. Brescia: Paideia, 2009, colunas 1025-1030.

LURKER, M. **Dicionário de figuras e símbolos bíblicos**. São Paulo: Paulus, 1993.

McCARTHY, C. **Deuteronomy** (Bíblia Hebraica quinta editione cu appartu critico novis curis elaborato). Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2007.

NGUYEN, D. A. N. **Numeri**. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 2017.

NOWELL, I. **Numbers**. Collegeville (Minnesota): Liturgical Press, 2010.

OLSON, D. T. **Numeri**. Torino: Claudiana, 2006.

PAPOLA, G. **Deuteronomio**. Cinisello Balsamo (Milano): San Paolo, 2011.

PEETZ, M. O Israel bíblico. **História – Arqueologia – Geografia**. São Paulo: Paulinas, 2022.

RÖMER, T. **A chamada história deuteronomista**: Introdução sociológica, histórica e literária. Petrópolis (Rio de Janeiro): Vozes, 2008.

SCHAEFER, K. **Psalms**. Collegeville (Minnesota): The Liturgical Press, 2001.

SCHART, A. **Mose und Israel im Konflikt**: eine redaktionsgeschichtliche Studie zu den Wüstenersählungen. Freiburg (Schweiz): Universitätsverlag, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1990.

SKA, J.-L. **“I nostri padri ci hanno raccontato”**: Introduzione all’analisi dei racconti dell’Antico Testamento. Bologna: EDB, 2012.

SKA, J.-L. **Introduzione alla lettura del Pentateuco**. Bologna: EDB, 2000.

SKA, J.-L. **O Antigo Testamento explicado aos que conhecem pouco ou nada a respeito dele**. São Paulo: Paulus, 2015.

SKA, J.-L. **O canteiro do Pentateuco**: Problemas de composição e de interpretação. Aspectos literários e teológicos. São Paulo: Paulinas, 2016.

TOV, E. **Crítica Textual da Bíblia Hebraica**. Rio de Janeiro: bvbooks Editora, 2017.

TRADUÇÃO ECUMÊNICA DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, 1994.



ISSN 2596-2922

DOI: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2024v5n10a06

VARO, F. **Números**. Bilbao: Editorial Desclée De Brouwer, 2008.

WAGNER, S. יָרָא *jārâ*. In: **Grande Lessico dell'Antico Testamento** (BOTTERWERCK, G. J.; RINGGREN, H. [A cura di], volume III, columnas 1062-1070; 1070-1074; 1074-1085.

***Leonardo Agostini Fernandes***

Doutor em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università Gregoriana.

Docente no Departamento de Teologia da Pontifícia

Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro/RJ –Brasil

Email: laf2007@puc-rio.br

Recebido em: 31/07/2024

Aprovado em: 30/10/2024